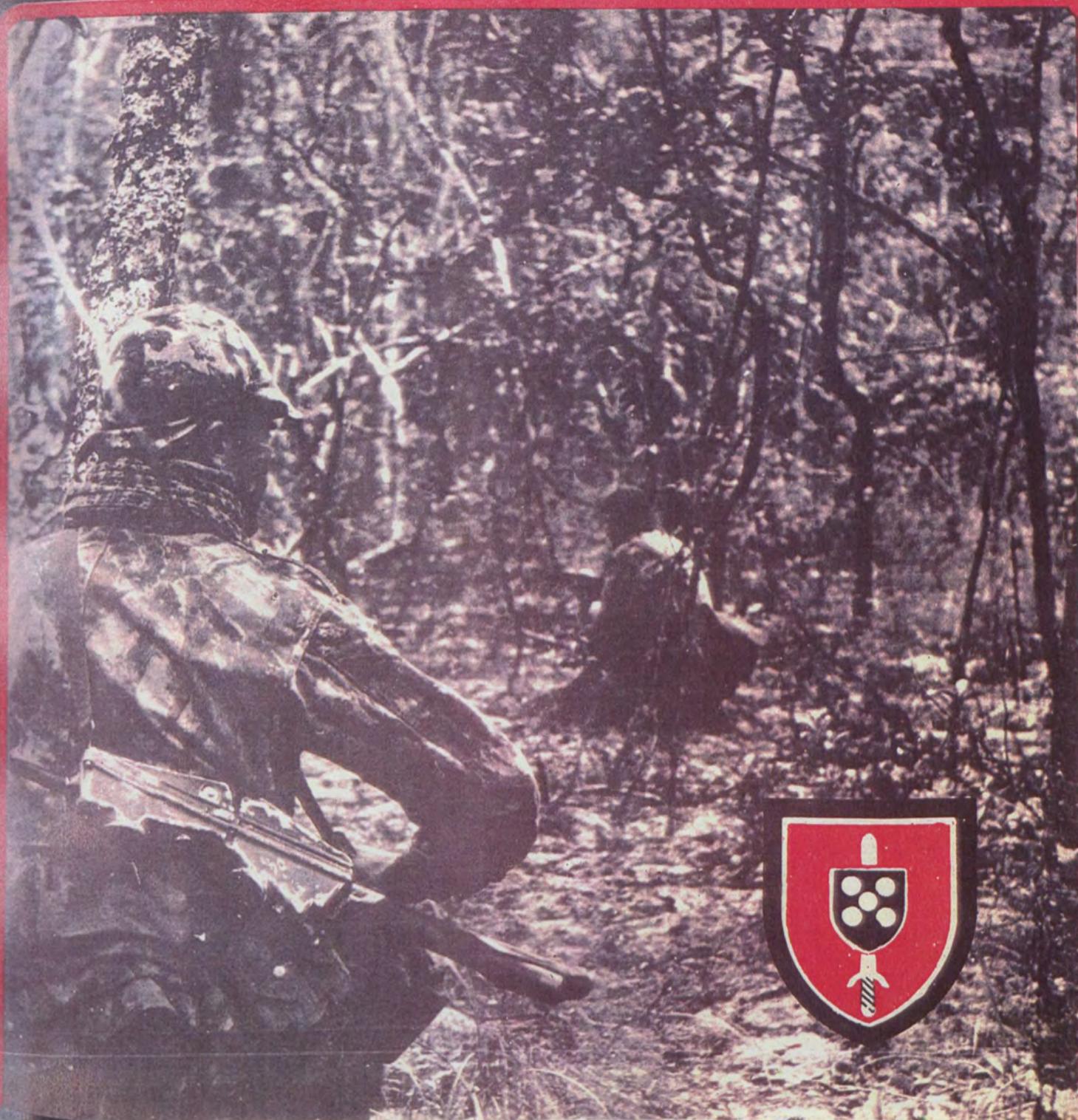


COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — AGOSTO 1973 — N.º 5





TEMPO DE SAUDAD

Parece-nos que caiu no esquecimento o último pedido feito na página para que nos enviassem fotografias antigas a fim de serem publicadas. Porque se torna realmente impossível ao Centro obtê-las por outros meios, resta-nos esperar que o pessoal na disponibilidade nos envie recortes fotográficos para as trazermos a esta secção que, caso contrário, corre o risco de desaparecer.

Desta feita, a imagem refere-se a uma cerimónia que não pode ser precisada. Mas dada a nitidez da fotografia dos que nela estão presentes, dispensamo-nos de referir que, em cada um destes oficiais, há um antigo de todos os que militaram nas nossas fileiras. Seria bom que estes oficiais pudessem rever os seus velhos amigos na disponibilidade, caso eles queiram sem enviar ao jornal as fotos que guardam ciosamente e que, após serem devolvidas à procedência...

EDITORIAL

O conturbado mundo em que vivemos é todo ele uma meia-razão para a loucura. As controvérsias políticas, a fome, as dissidências económicas, a guerra, os protestos populares, as prepotências dos governantes, a sede de poder, o amesquinamento pela insignificância, a incomodidade do estar, a incerteza do não-estar, o fim de um século turbulento pela ameaça atómica, são factores que nos atiram, a nós — Humanidade, para o descontrolo total. Por isso, a nossa situação! Claro que causas próximas a podem determinar. A dissecção do problema conduz-nos certamente a razões imediatas, concretas e precisas do que, por detrás de tudo isto, existe. Mas na realidade, os acontecimentos que vemos particularmente, enquadram-se perfeitamente na generalidade universal, na panorâmica comum a todos os povos. Infelizmente, ninguém se pode prezar por estar bem, por viver em paz e em progresso técnico-social perfeito. Decididamente o mundo está virado do avesso. Cessou, há muito, o romantismo. Acabou com a exiguidade de meios de comunicação, com a apalpação de ideias e teorias a grandes distâncias. Desde que foi possível aos homens auscultarem-se de continente para continente, passou a imperar a discordância e o desassossego. Numa atitude pessimista, dir-se-ia que nada há a fazer, pois, que quanto mais se tenta mudar a face do mundo, pior se obterá. Só realmente a abstenção opinitiva e factual dos problemas dos outros, a algo de profícuo nos pode conduzir.

Nós que somos vítimas da beligerância mundial, que sofremos o impacto da incompreensão e da inobservância da razão, somos afinal os que menos contribuímos para a desgraça mundial. Ao fim e ao cabo, somos ainda os que menos influímos no rumo dos acontecimentos. Apenas, ainda que com pouco dinamismo, seguimos o caminho de um progresso pacífico. Todavia, a opinião mundial diz que a guerra somos nós e nunca põe o problema de a guerra ser contra nós. Mas tal opinião é infundamentada, é o desmentido dos valores reais e humanos. E a prova dessa má vontade reside na recusa da observação da verdade «in loco». A não aceitação de convites para nos visitarem na nossa própria terra é não só a declinação de uma atitude consciente, mas também a verificação do que acima ficou dito: o mundo prefere a loucura do protesto infundamentado porque é essa a única epidemia capaz de justificar as frustrações da Humanidade.

Enfileirar em tal carneirada, é perder o comboio para o bem-estar. Portanto, enquanto pudermos, há que suportar as suas investidas e provar que, afinal, a razão se está com alguém, está connosco. Quem o dividio, que nos acompanhe pelas chanas do Leste, que suba os morros do Norte e contacte os povos ultrajados, manietados, apalpe os cérebros nus de que se servem os eloquentes políticos das grandes potências e tire as lições que melhor entender. E verá que se é fácil vergastar a moral e as determinações dos outros, difícil será continuar a nossa luta contra tal d'abolismo. A nós, Comandos, cabe bem um quinhão importante em fazer valer a nossa razão.

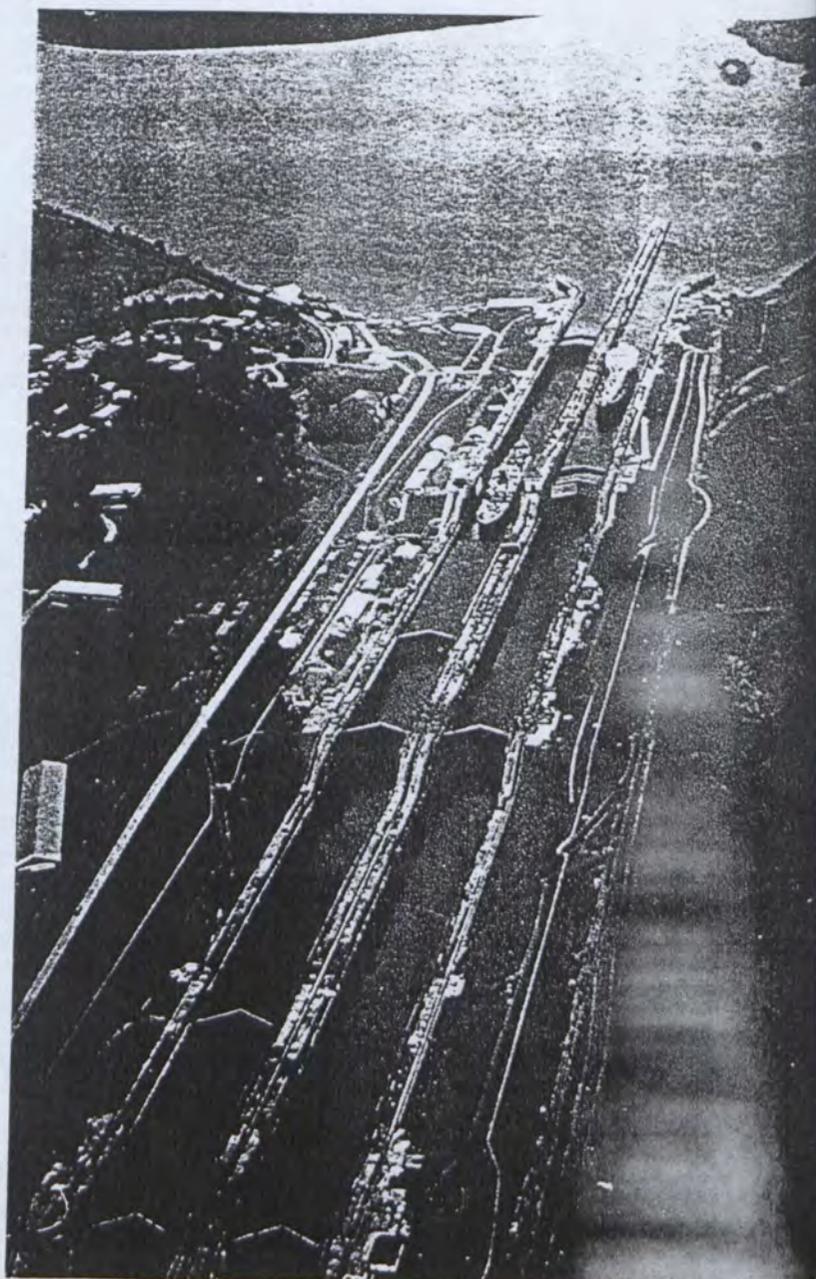
PANAMÁ

UM CANAL SEPARA DOIS MUNDOS

Texto de R. MAGALHAES JÚNIOR • Fotos de JOSÉ CASTRO

A cidade do Panamá, capital da república do mesmo nome, de repente passou a concentrar a atenção mundial, em consequência dos ruidosos debates que ali se desenrolaram.

Numa atitude sem precedentes, para ali se deslocaram o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Sr. Kurt Waldheim, e os membros do seu Conselho de Segurança. Objetivo: ouvir as queixas do governo panamenho sobre o sistema de exploração do canal do Panamá pelos Estados Unidos e avaliar, *in loco*, se tinham elas, ou não, verdadeiro fundamento. Ao mesmo tempo compareciam também ao Panamá observadores das várias nações do continente, inclusive o embaixador dos Estados Unidos na ONU, Sr. John A. Scali. O problema agora levantado, em nome de seu país, pelo General Omar Torrijos, presidente do Panamá, tem implicações muito sérias e antigas. Quer a pequena nação centro-americana que o canal, inaugurado em 1914, seja entregue ao povo e ao estado panamenho, que passariam a administrá-lo, tendo fim a concessão outorgada à nação norte americana.



Vista aérea do Canal do Panamá, aberto no início do século para ligar o Atlântico ao Pacífico, evitando a volta pelo cabo Horn.

Setenta anos depois, o governo colombiano denuncia como colonialista o tratado firmado com os Estados Unidos que possibilitou a construção das maiores obras de engenharia dos tempos modernos.

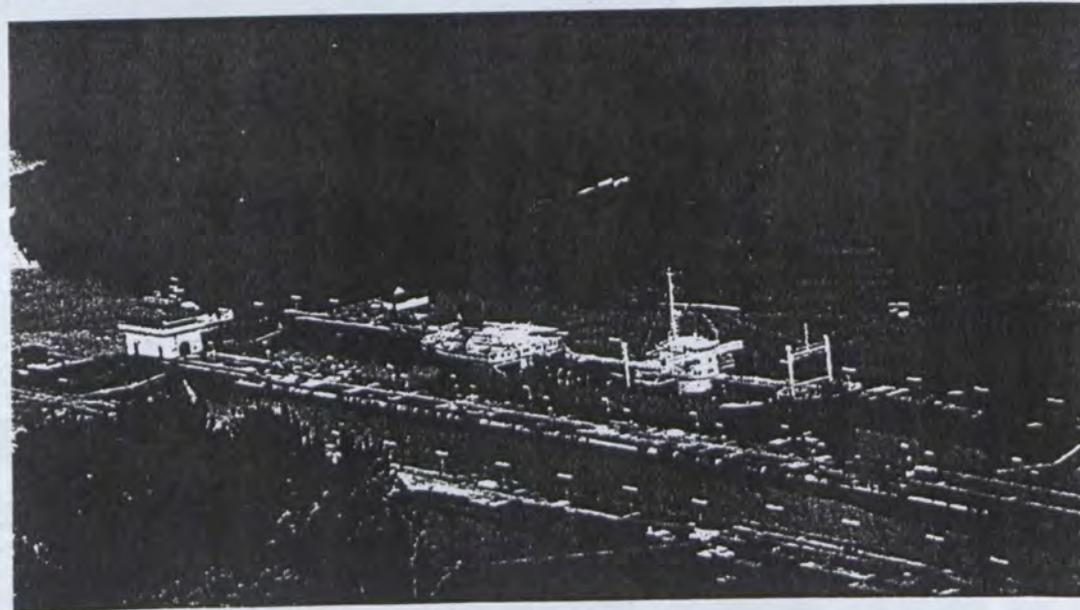
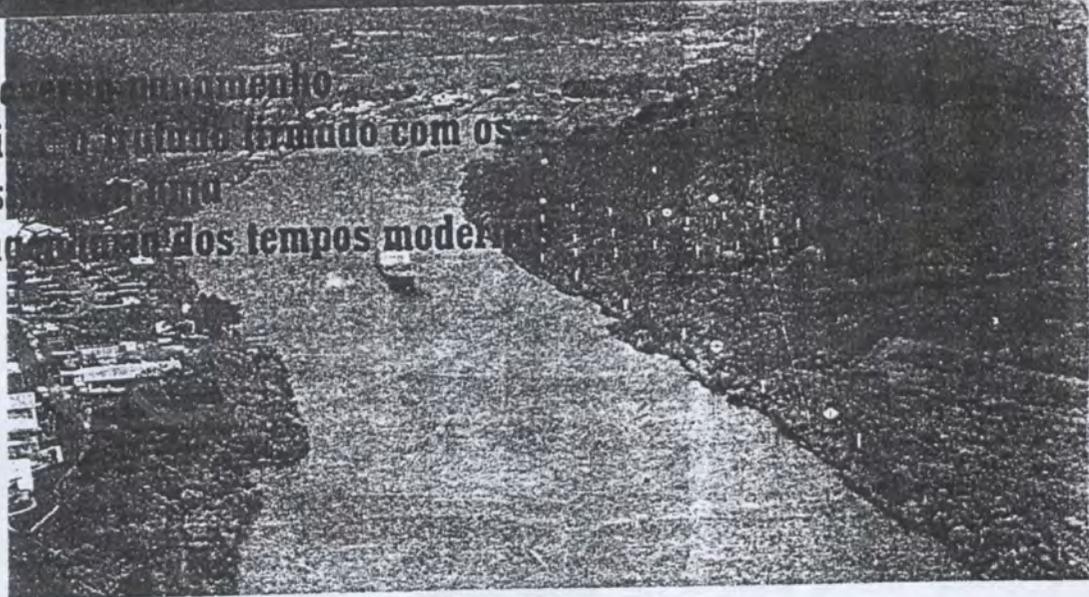
TAL exigência é fundamentada numa longa campanha de caráter nacionalista, cujas raízes históricas devem ser recordadas.

O sonho do canal vem de Carlos V, da Espanha, e do general venezuelano Francisco de Miranda. Mas quem primeiro tentou construí-lo no Panamá, estabelecendo uma nova comunicação entre os oceanos Atlântico e Pacífico, foi o engenheiro francês Ferdinand Lesseps, que abriu, pouco tempo antes, o Canal de Suez, financiado por uma sociedade anônima que acabou sendo controlada pelo governo britânico. Tendo ligado o oceano Índico ao Mediterrâneo, através do mar Vermelho e com o corte do istmo de Suez, Lesseps promoveu a organização de uma nova companhia, com o lançamento de ações, em 1879, na Bolsa de Paris.

As ações começaram a ser vendidas, em ambiente de entusiasmo, embora alguns espiritos tidos como malévolos falassem mal do clima panamenho, dos seus mosquitos, das suas febres perigosas e epidêmicas. Depois que Lesseps e seus filhos visitaram o Panamá, fizeram entendimentos com o governo colombiano, plantaram a pedra fundamental e regressaram à França, a venda das ações tomou impulso. Nessa ocasião, Lesseps sugeria que a zona do canal fosse objeto de uma "garantia internacional de neutralidade" e marcava o início das obras para 1.º de fevereiro de 1881.

Ao fim de algum tempo, a iniciativa começou a cair em descrédito. E, em 1889, não era mais possível esconder o chamado "escândalo do Panamá", que evidenciou enorme corrupção no meio político e financeiro da França. A sociedade do canal tinha a sua falência decretada, com um ativo de 170 milhões e um fabuloso passivo de 435 milhões.

Com a falência dos Lesseps e da sua companhia, os Estados Unidos resolveram comprar a concessão do canal à massa falida. Esta pediu 109 milhões de dólares, mas a transação foi feita ao preço de 40 milhões de dólares, no governo de Theodore Roosevelt. Subsequentemente, foi adquirida também a concessão relativa à construção de uma estrada de ferro no istmo, da costa do Atlântico à do Pacífico.



O canal foi aberto a partir de 1904. Tem mais de 80 quilômetros de extensão e uma largura variável em todo o seu curso. O recordista de sua travessia foi o vapor Manley, que passou de um oceano a outro em apenas 4 horas e 38 minutos. Antes da abertura do canal, a viagem demorava 22 dias.

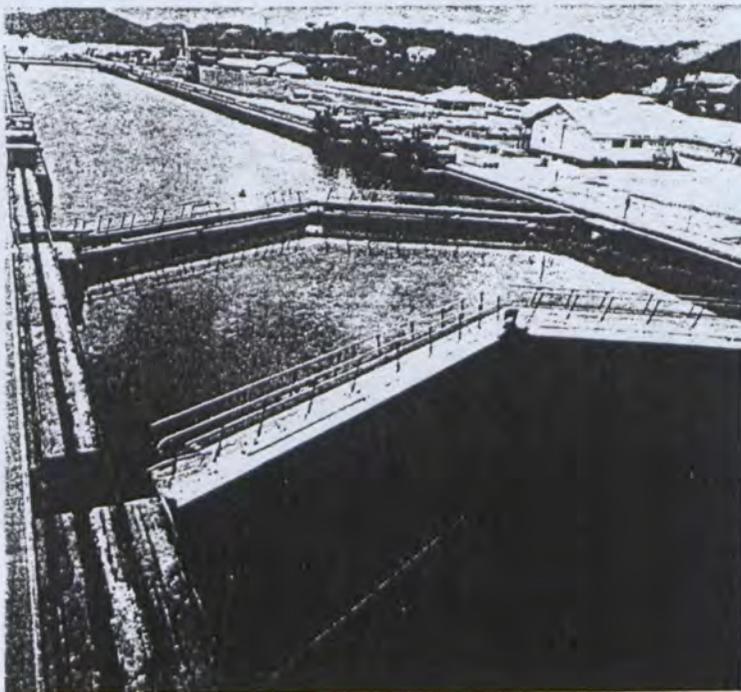
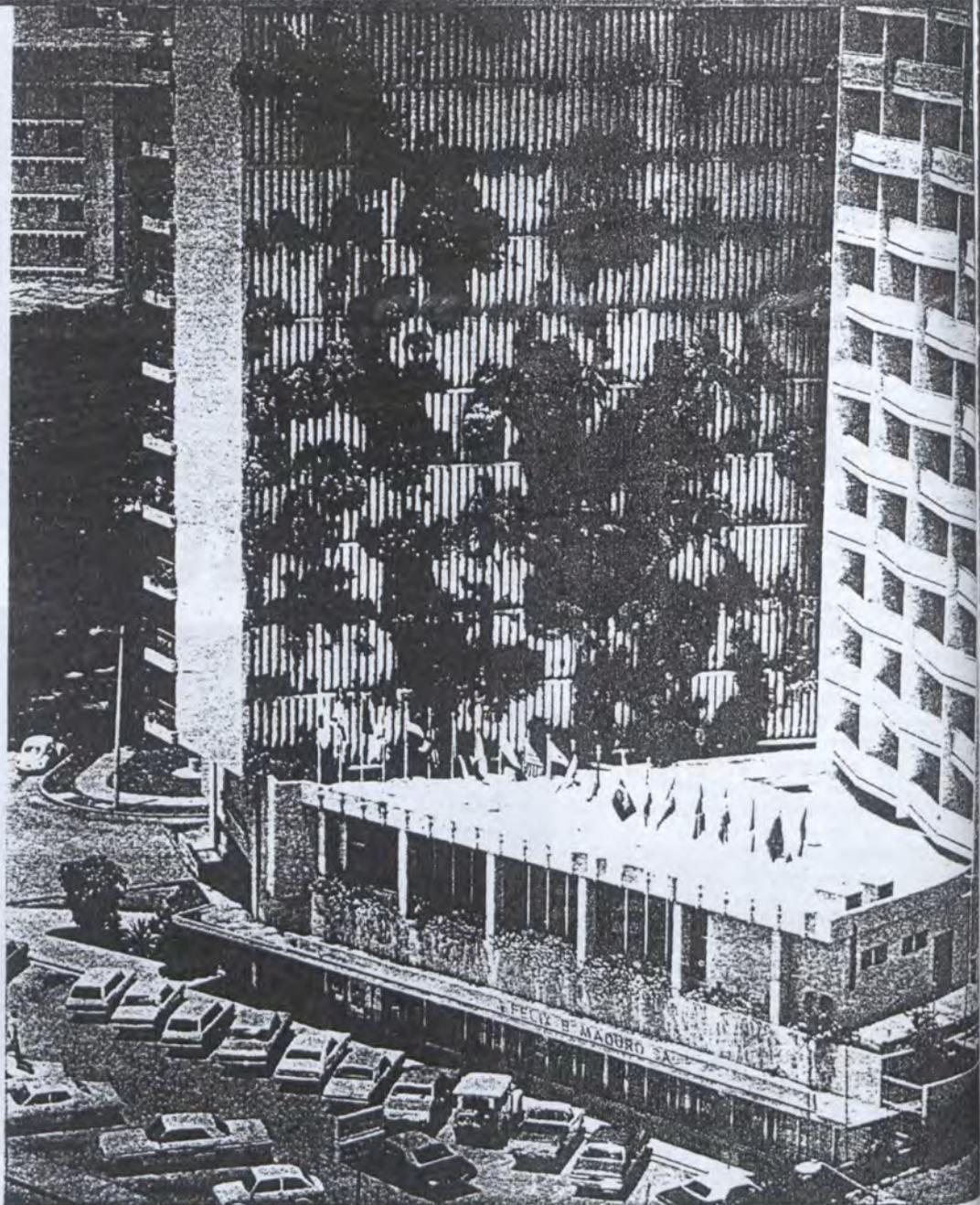
AO mesmo tempo, eram iniciadas gestões com o governo da Colômbia. Os Estados Unidos não se contentavam em construir o canal e a estrada de ferro. Queriam também uma faixa de território, de cada lado, com amplos direitos de construir nela fortificações e manter sua força de polícia. O ministro da Colômbia em Washington, P. A. Herran, disse que o seu país não concederia aos Estados Unidos direitos de soberania, mas ~~reservava~~ o controle, por 99 anos, com o privilégio de renovação, de uma faixa de território de seis milhas.

O governo de Washington considerou tal arranjo satisfatório. Tratava-se, porém, de concessão que só poderia ser outorgada mediante aprovação pelo Congresso da Colômbia. Os termos do tratado que se projetava realizar provocaram viva oposição entre os congressistas. E o resultado final foi a rejeição do seu texto pelo Senado colombiano, no mês de agosto de 1903.

Embora a Colômbia tivesse direito de assim proceder e os seus motivos não pudessem ser questionados, o Presidente Theodore Roosevelt preparou uma mensagem recomendando ao Congresso norte-americano que escavássemos o canal sem esperar a permissão."

Sua justificativa, segundo a mesma autoridade, era a de que, assim procedendo, a Colômbia tinha violado o tratado de 1846. Acreditava Teddy Roosevelt que o motivo dos colombianos era o

Embaixo, uma das comportas, que formam um verdadeiro degrau de água



de tentar obter mais dinheiro, não estando disposto a encher de dólares as suas arcas. Os Estados Unidos resolveram buscar um caminho mais rápido e mais fácil: estimularam os panamenhos ansiosos pelo canal a revoltarem contra a Colômbia. Na verdade, de outubro para novembro de 1903, o Panamá conflagrou-se. Navios de guerra norte-americanos foram despachados para o istmo. A única ação militar verificada foram os disparos feitos por um navio de guerra colombiano, o *Bogotá*, a 4 de novembro, do que resultou a morte de um chinês que nada tinha que ver com o problema. Imediatamente, o panamenho Bunau Varilla foi nomeado agente confidencial da República do Panamá em Washington. No mesmo dia, o Secretário de Estado John Hay instruiu o cônsul dos Estados Unidos a negociar com o governo panamenho, re-

Acima, o hotel onde se reuniu a Assembleia da ONU, na capital panamenha. O presidente Panamá levantou a questão naquele organismo e espera uma solução urgente, pois alega que o país está na miséria. Embaixo, ao lado, um dos muitos cassinos da cidade. O Panamá quer crescer cada vez mais.

cém-constituído. A 13 de novembro, Bunau Varilla era recebido em Washington e, a 7 de dezembro, um tratado, minutado por John Hay, era assinado entre o Panamá e os Estados Unidos, que se tinham apressado a reconhecer a nova república. A Colômbia, fraca e mal armada, estava diante de um ~~mapa~~ consumado: perdera uma província e, com ela, também perdera o canal.

O Panamá foi, assim, uma nação fabricada pelos Estados Unidos, no interesse dos Estados Unidos. Sua Constituição tinha esta cláusula: "O governo dos Estados Unidos da América pode intervir em qualquer ponto da República do Panamá para o restabelecimento da paz e da ordem constitucional, uma vez que em razão de tratado público a dita nação assumiu ou tenha assumido a responsabilidade de garantir a independência e a soberania desta república." Carl Russell Fish diz com a maior franqueza no livro citado: "É difícil negarmos que, com os acontecimentos de 1903, adquirimos na Zona do Canal uma colônia, ou que o Panamá é um protetorado nosso."

No tratado estabelecido com o Panamá para a construção do canal, o artigo 2.º dizia que "a República do Panamá concede

aos Estados Unidos da América do Norte, a título perpétuo, o uso, a ocupação e o controle de uma zona para a construção, manutenção, funcionamento, saneamento e proteção do citado Canal do Panamá, de dez milhas de largura, que se estendem por cinco milhas de cada lado da linha central..." E o artigo terceiro precisa que os Estados Unidos exercerão esses poderes "como se fossem soberanos", etc. Iniciado em 1904, o canal custou dez anos de trabalho e 380 milhões de dólares. Não custou apenas tempo e dinheiro, mas 40 mil vidas, de vítimas das febres perniciosas. Foi inaugurado a 15 de agosto de 1914, sendo o vapor *Ancon* o primeiro a atravessá-lo.

Do ponto de vista econômico-financeiro, o canal representava um verdadeiro maná. O caminho pelos mares gelados da zona ártica ao norte do Canadá e do Alasca era difícil e perigoso. Um navio carregado, que saísse de São Francisco da Califórnia para Nova Iorque, passando pelo estreito de Magalhães, ou ainda mais ao sul do continente, pelo cabo Horn, levaria mais vinte dias de navegação. Enquanto que, para transitar no canal, um navio pagaria um pedágio de 5 mil e 795 dólares, economizaria nada menos de 50 mil dólares e encurtaria a viagem de 7 mil

milhas. A travessia do canal realizada com maior velocidade até hoje foi a do vapor *Manley*, que nela gastou apenas 4 horas e 38 minutos. O que torna a travessia algo demorada é o sistema de eclusas, uma verdadeira escada de água em compartimentos estanques, indispensável à navegação pelo fato de existir acentuada diferença entre o nível do oceano Pacífico e o do oceano Atlântico.

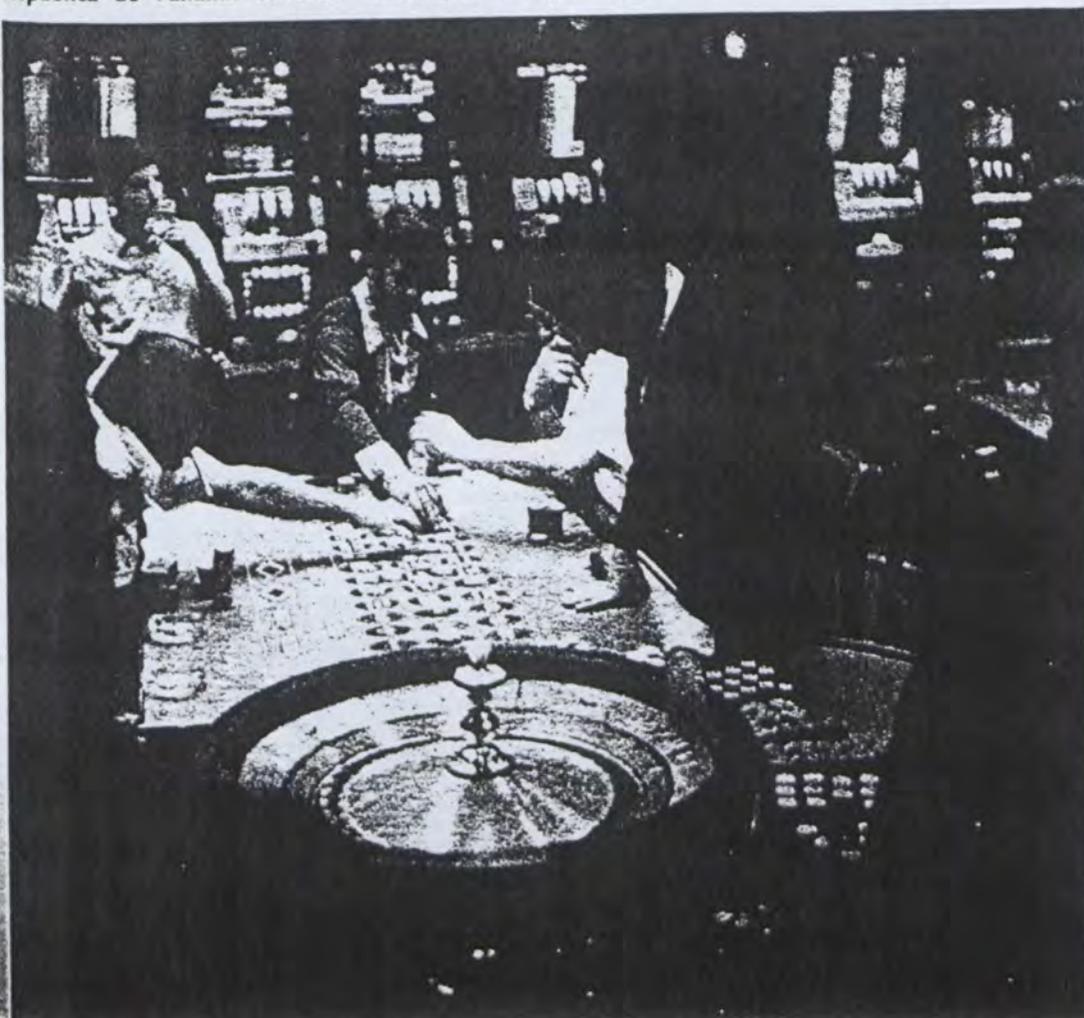
O canal, sua estrada de ferro, sua administração, sua polícia, etc., dão trabalho a cerca de 4 mil norte-americanos que, com suas famílias, somam 12 mil pessoas, e a 11 mil panamenhos, além das tropas alojadas em amplos quartéis, para a defesa do canal. Afirma-se que o canal está precocemente envelhecido, que suas instalações são hoje antiquadas e ultrapassadas, afirma-se que os Estados Unidos não querem inverter maiores somas em sua melhoria em razão do ambiente de hostilidade dos nacionalistas panamenhos, que não cessam hoje de invectivar os "gringos" que há setenta anos asseguraram o êxito da secessão do Panamá e a sua existência como nação independente. Por outro lado, há quem afirme que, até 1967, tinham sido investidos

no canal 1 bilhão e 600 milhões de dólares, só tendo sido recuperados, até então, 1 bilhão e 100 milhões de dólares. O navio que até hoje contribuiu para essa cifra com maior soma foi o petroleiro *Melodie*, com a bandeira da Libéria, que pagou o total de 31 mil dólares.

O nacionalismo do Panamá tornou-se tão ardente e tão resolutivo que ali não é possível a um líder assumir o poder sem erguer a bandeira das reivindicações referentes ao canal. Queixam-se os nacionalistas de que enquanto a faixa da concessão norte-americana prospera notadamente, o resto do país vive na maior pobreza. É também se queixam de estar recebendo, a título de *royalty*, ou participação na exploração do canal, apenas 1 milhão e 900 mil dólares por ano. Daí o enérgico discurso do General Omar Torrijos na reunião extraordinária do Conselho de Segurança da ONU, perante representantes do Peru, de Cuba, do México, da Colômbia, Venezuela, da Jamaica, da Costa Rica, da Guiana e do Equador.

O General Torrijos acusou frontalmente os Estados Unidos de estarem desenvolvendo, ainda nos dias de hoje, no Panamá, uma política eminentemente colonialista. Disse: "O Panamá entende a luta dos povos que sofrem a humilhação do colonialismo, dos povos que nos igualam em restrições e servilismo, dos povos que se recusam a aceitar o império do forte sobre o fraco como norma de coexistência..." E afirmou: "O colonialismo, senhores, é a prisão do homem livre." Declarou que o Panamá não está mais disposto a ser um estado associado, uma colônia ou um protetorado, "nem uma estrela a mais na bandeira dos Estados Unidos".

É fácil imaginar-se a repercussão de tal discurso, proferido pelo presidente do Panamá, que é, ao mesmo tempo, um general de seu exército. Militarmente, a significação desse exército é modesta. Mas a expressão moral do protesto que ele respalda é grande. Tanto assim que o embaixador norte-americano na ONU, John A. Scali, imediatamente contra-atacou, para desfazer a impressão causada pelo General Torrijos. E acusou-o de estar atacando um espantalho, pois todo mundo sabe que os Estados Unidos estão dispostos a modificar o tratado de 1903, eliminando dele, entre outras coisas, a cláusula de perpetuidade. A ONU é agora a fiadora dessa promessa, com que se encerrou a batalha verbal do Panamá.



FAZENDA CUERAMA SARL

Pecuária

Caixa Postal, 1378. LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS **UNIÃO**
União Imobiliária e Comercial SARL

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO. SEGUROS, BAPARIS FOTOGRAFICOS DE CACA E PECOR.

AV. -PAULO DIAS DE NOVAIS, 83 - P. O. BOX / C. P. 6534 - TELEG. «UNIMOB» - TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOB1-AM - LUANDA-ANGOLA



DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA





A vontade forte dessa entrega quase é dom de transpor o domínio sobre o instinto, o passo e a ânsia no caminhar pesado das horas frias e mortas ou escaldantes e claras, esse mundo de tensão em que tu vives É CONTAGIO QUE FAZ BEM!...

É forma de estar presente no mundo. Forma diferente de entrega total, sem limites onde cada um é célula que juntas preparam a actividade «COMANDO».

Falar sem entender ou sem ver e saber profundamente o início, porquê disto ou daquilo não tem resultados convincentes.

Depois de ter colaborado alguns anos com a Acção Psicológica dos «COMANDOS», pensei já ter prestado serviços que me permitissem pedir autorização para me deslocar com os instruendos a provas de mato.

Pensei e fi-lo.

Levei argumentos da Guiné, Leste e Belo Horizonte e quando escutei o esperado «sim», foi como se uma janela se tivesse aberto para um sonho. Escutei o «sim» e saboreei a doce convicção de que era merecedora dele.

Em tempo oportuno sairá «Magia Verde», «Marcha Forçada» e «Homens de Camisolas Brancas» livros que relatarão a sequência dos dias e das noites, das gentes e dos seus estados de ânimo: Do soldado e do Comandante, do tiro e da fuga, do querer e não conseguir, dos mortos e dos sobreviventes, de gente perdida nas noites, nos dias, dos vitoriosos das madrugadas e dos esperançosos em cada dia que nasce. Livros que levarão nas personagens o carimbo «COMANDOS» como gratidão de autora pela oportunidade que teve, dada pela tropa de elite, em conhecer o modo de vida que às vezes é mais de morte do que modo de vida...

Vamos arrancar hoje uma página desses livros...

Faça-se numa tarde tropical, num jipe comendo asfalto negro e quente ladeado pelos majestosos, feios e vibrantes imbondeiros em preces dirigidas ao céu. A esperança vem sempre de cima!

Fala-se dessa viagem, da escolta por estrada onde as bermas podem ser agitadas por material conhecido...

Fala-se do desvio para a estrada de pó, passando pela segurança, pela clareira, do chegada jipe levando uma profissional da Informação falada para localidades habitualmente abertas aos homens...

Mas não foi somente por acaso que invadimos terreno difícil, não o fizemos para o conhecer.

E não foi em vão que olhos admirados de homens cansados nos receberam naquela tarde em que a tarde já era mais noite do que tarde.

Conosco, gravadores, uma trouxinha feita dum lenço acastanhado com flores amarelas onde ia arsenal próprio para mulher, mesmo no mato!

Um camuflado novo e largo preso por uma inestética cordita à cintura que nem sequer me lembrei de esconder, tal era a grandiosidade imanada pelo local, grandiosidade que desde o primeiro minuto devorei.

Depois de uma viagem serena, serenamente não consegui sair do jipe pois os pés recusavam-se a obedecer às ordens mudas que dava inutilmente.

Mas quando o querer é sincero dá sempre resultado e ...consegui colocar o pé direito em capim pisado, depois o outro, agarrei na trouxa, no gravador e dirigi-me ao imbondeiro onde estrategicamente estava colocado o «Q.G.».

Sem sentir bem a cara, consegui disfarçar a gargalhada normal que seria dada em circunstâncias habituais tais eram os rostos incrédulos que me olhavam quase todos conhecidos.

Olhei.

Sorri.

E a primeira frase foi: boa tarde Sr. Comandante...

A partir daí foi uma janela que se abriu sobre um sonho.

MARIA

MAGIA
VERDE...

P. S. — Depois conto-te.

Há 300 anos — a 17 de fevereiro de 1673 — morria o gênio da dramaturgia e da arte teatral francesa, um filho de tapeceiro chamado Jean-Baptiste Poquelin, que ficaria imortalizado sob o pseudônimo de Molière. Em sua vida relativamente curta — apenas 51 anos — ele escreveu algumas obras-primas universais, entre as quais destaca-se O Tartufo, cujo personagem principal ficou sendo sinônimo do hipócrita. Somente um gênio poderia desvendar os abismos de uma alma pérfida. Molière é representado e lido até hoje, mas a sua obra mais importante é pouco encenada: um sintoma de que a sociedade se defende e não aprecia que lhe mostrem algumas de suas chagas mais inarredáveis.

O TARTUFO



retrato de
Molière fazendo
o papel de César
na peça
Mort de Pompé

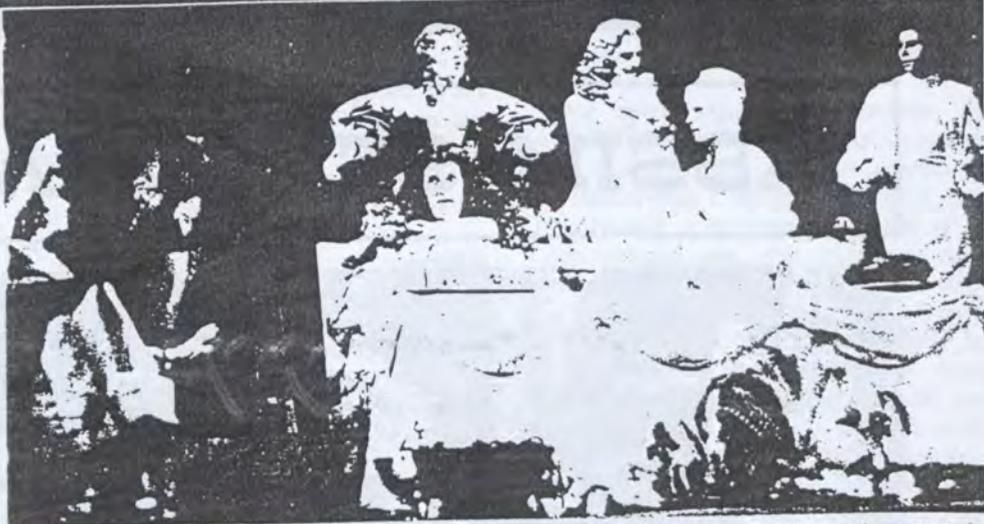
Texto de
R. MAGALHÃES JÚNIOR

de MOLIÈRE

Molière, o gênio da comédia francesa, escreveu muitas obras famosas, que trouxeram o seu nome até nós, cercado de glória, de gargalhadas e de aplausos. Fez peças apenas para rir, em que todos os recursos cômicos, mesmo os mais grosseiros, eram utilizados, sempre com extraordinária segurança. Mas escreveu também peças que eram verdadeiras obras-primas literárias, pela elevação do diálogo, pelo corte psicológico dos personagens, pela musicalidade dos versos alexandrinos. Discute-se, ainda hoje, qual teria sido a mais notável de suas peças: se «Le Misanthrope», se «Le Tartuffe». Ambas são admiráveis, mas esta última foi, sem dúvida, a mais corajosa, a mais polêmica, a mais perseguida. Famosa, é, no entanto, uma obra-prima pouco encenada e, igualmente, pouco lida.

A vida de Molière está cercada de lendas. Uma destas é a de que ele nascera, com o nome civil de Jean-Baptiste Poquelin, no ano de 1615, na cidade de Saint-Malo, numa família de tapeceiros e estofadores, mas se recusara a seguir a profissão paterna, fugindo de casa, com pouco dinheiro, e juntando-se a uma companhia de funâbulos, na qual adquiriu o gosto pelo teatro, revelando-se excelente actor e autor. Entretanto, as mais recentes pesquisas em torno de Molière eliminam grande parte dessas lendas. Jean-Baptiste Poquelin nasceu em Paris, no ano de 1622, e era o filho mais velho de um tapeceiro do rei, e foi criado numa casa que existiu por muito tempo na confluência da Rue Saint-Honoré com a Rue des Vieilles Etuves, e seu pai obteve que, por sua morte, ele herdasse o título de tapeceiro do rei.

Em que consistia a intriga de «O Tartufo»? Sua figura central era um falso devoto, que, com suas atitudes dissimuladas e hipócritas, dominava inteiramente o espírito de Madame Pernelle, para quem era «um santo homem», «um enviado de Deus». Depois, conquista também a cega e total confiança de Orgon, filho de Madame Pernelle e marido de Elmira. Orgon deixa-se fascinar pelos conselhos morais e pela aparência do beato, a tal ponto que obriga a filha, Mariana, a tornar-se noiva de Tartufo, ainda que o seu coração na verdade pertença a Valério. Para dar uma prova integral da sua confiança em Tartufo, o imprudente Orgon acaba por transferir, ao futuro genro, a posse de seus bens materiais, inclusive a casa em que mora.



Como O Tartufo, aguçado em sua crítica social, O Burguês Gentil-Homem é uma das peças de Molière que mais refletem sua época.

Tartufo, a essa altura, já vinha tentando conquistar a futura sogra, Elmira, a quem acariciava, a pretexto de examinar a qualidade do tecido de seu vestido. Vendo-se desmascarado, o falso devoto não guarda mais as conveniências, ou a aparência beata que a princípio a cada instante demonstrava. E expulsa Orgon e sua família da casa, que agora era sua e cujo título de doação, completa e irretirável, guardava no bolso do casaco. Nesse momento, porém, entra em cena um funcionário, que representava a justiça real. Quando Tartufo lhe exhibe o título de propriedade da casa, o oficial de justiça rasga-o, prendendo, em seguida, Tartufo. Este quer saber o motivo da prisão. E o oficial de justiça diz que assim procederia porque «vivemos sob um príncipe inimigo da fraude, um príncipe que via claro como o dia em todos os corações e que não se deixava enganar pelas artes dos impostores».

Para os críticos, «O Tartufo» é um drama que se resolve por uma situação de comédia, de modo meio arbitrário, tanto mais que o funcionário que se apresenta na casa de Orgon não tinha o direito de rasgar o título de propriedade que testemunhava a doação da casa, o que só em juízo poderia ser discutido. Emile Faguet, analisando «O Tartufo», diz: «Dois personagens formam o centro da peça: Orgon, hipnotizado pelo impostor por causa do seu temor ao inferno, e tornando-se cego e perverso para com sua família; e Tartufo, o impostor, composto de todos os vícios e também de alguns ridículos para que o tom da comédia não seja por demais abandonado e para que se possa rir ao mesmo tempo que se estremece. Os inimigos de «O Tartufo», passados e presentes, alguns dos quais são pes-

soas muito sinceras, pretendem que a peça não ataca a falsa devoção, como Molière dizia, mas também a verdadeira e a própria religião. Porque, dizem eles, não é de Tartufo que Molière mais zomba, mas de Orgon, e é Orgon o personagem mais grotesco; e Orgon é um homem honesto, que não tem outro defeito que não seja o da sua devoção. O argumento é forte e eu não teria a ingenuidade de dizer que Molière era religioso, amava a religião e tenha representado a si mesmo no personagem de Cleanto (cunhado de Orgon). Direi somente que Orgon não é o personagem ridículo da peça. Nela há dois: Orgon e Tartufo. Molière expõe ambos à nossa animadversão, ao desprezo e aos risos da plateia. Que significa isso? Que ele denuncia 1.º a hipocrisia religiosa; e 2.º a devoção tola e egoísta, à base do egoísmo, à base do medo, e que reforça nela o egoísmo de que vem infectada».

A primeira representação dos três primeiros actos de «O Tartufo» foi feita em Versalhes, perante Luís XIV a 12 de Maio de 1664, e a 4 de Agosto do mesmo ano, terminada a peça, em cinco actos, foi ela lida inteiramente em Fontainebleau, ao Cardeal Chigi, legado e sobrinho do papa. Houve novas representações dos três primeiros actos e, finalmente, pela primeira vez, da peça completa, em cinco actos, a 29 de Novembro, na casa de campo da Princesa Palatina, em Raincy, por ordem do Príncipe de Condé. Mas logo a peça foi proibida, em representações públicas. As agudas críticas à conduta social e religiosa dos falsos devotos, dos beatos profissionais, eram profundamente irritantes à sensibilidade dos católicos da época. Molière teve que lutar durante vários anos para que a sua peça fosse finalmente liberada pela censura real.

ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA



CHINA

Chou En-Lai: uma hora e meia de conversa descontraída.

Chou de mesa em mesa

A China continua empenhada em multiplicar os seus contactos pelo mundo fora. Na semana passada os chineses receberam os membros da caravana que participava do vôo inaugural para Pequim da Ethiopian Airlines. O chefe do escritório do Time em Hong-Kong estava entre eles, e viu Chou En-Lai. Eis como ele descreve esse encontro:

Depois de subir quilómetros de escadas de mármore branco, atravessando uma verdadeira cachoeira de tapetes vermelhos, nós fomos colocados em cima de uma plataforma com três fileiras de poltronas, especialmente construída para a fotografia oficial com o primeiro-ministro. Um segundo depois, entrou Chou En-Lai, vivo, metódico e excessivamente bem arrumado dentro de uma túnica cinza, com calças da mesma cor. Um pequeno emblema com o retrato de Mao pregado na túnica era o único pedacinho colorido de sua roupa. Os hóspedes aplaudiram o «premier», e Chou sempre sem sorrir, retribuiu os aplausos. Os projetores acenderam-se e o fotógrafo oficial disparou sua máquina três vezes. Saímos todos atrás do «premier» que penetrou no grande Salão do Povo, para o banquete oficial.

Durante uma hora e meia Chou ficou borboleteando de mesa em mesa. Auxiliado por um intérprete, ficou respondendo às perguntas que lhe lançavam de todos os lados, num jogo de esquivo ou de revide, mas sempre com uma piada na ponta da língua.

«O Sr. vai visitar os Estados Unidos?», perguntou-lhe um hóspede. «Não sei ainda que companhia de aviação tomar. Tenho dívidas demais para fazer viagens ao exterior», respondeu Chou.

Cada vez que saía de uma mesa para outra, Chou cumprimentava um por um com um aperto de mão. Depois, um criado apresentava uma toalha morna e húmida que punha sobre a mão como uma compressa. A mão direita do «premier» ficou ferida durante a Longa Marcha e até hoje é muito sensível.

«De que nível será o diplomata que os Estados Unidos vão mandar para Pequim?», perguntou-lhe alguém. — «Não deve ser inferior ao nível dos embaixado-

LESTE-OESTE

A missão Shultz na URSS

Este foi um dos mais estranhos episódios diplomáticos do ano. Deixando a última crise do dólar com os seus subordinados, o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, George P. Shultz, viajou até Moscou para uma estada de três dias. Ele recebeu um tratamento idêntico ao concedido a Kissinger: um mínimo de protocolo, um camarote no Teatro Bolshoi para ver «Giselle» e um encontro de três horas com o secretário-geral do Partido Comunista, Leonid Brejnev. Shultz viajou para tratar de comércio em geral, mas

res que os Estados Unidos mandam para os outros países», respondeu Chou. «Henry Kissinger é um bom negociador. «Acho que é.» «Quando a China vai inaugurar uma linha aérea para o exterior? «Daqui a um ano, mais ou menos. Ásia terá prioridade. A África também. O Canadá será o primeiro país da América do Norte a ter prioridade».

Um agente de viagem norte-americano, Thomas A. Keesling, perguntou quando a China seria aberta para os turistas. Chou perguntou se ele já tinha sido apresentado aos encarregados chineses das agências de viagem. Alguns minutos depois, Yang Kung-Su, director do Serviço de Viagens Internacionais da China, chegou à mesa. Chou disse então a Keesling e ao director Yang que gostaria de ver aumentar bastante o intercâmbio de pessoas entre a China e os Estados Unidos e que o americano poderia voltar à China quando quisesse, para estudar o problema. As perguntas partiram novamente.

«Quando os Estados Unidos e a República Popular da China estabelecerem relações diplomáticas em regime pleno».

«Os senhores acolhem nos Estados Unidos representantes de Chiang Kai-Shek?», respondeu Chou. «Quando vocês se vencerem de que Taiwan é uma província da China, tudo ficará resolvido».

O «premier» continuou indo de mesa em mesa, e, em cada uma delas, brindava os hóspedes um por um, tocando o copo de Mao Tai no copo do convidado. Um jovem etíope, linda de morrer, recebeu seu copo, dizendo que o «premier» já tinha brindado em outra mesa. Os olhos de Chou fixaram intensamente os seus hóspedes, e seu copo continuou avançando muito vagarosamente até tocar no dela.

recebeu também uma missão insólita: pedir o apoio do Kremlin numa dura luta que a Casa Branca enfrenta com o obediendo Congresso americano.

A luta trava-se em torno do acordo comercial que Nixon e Brejnev firmaram em Moscovo, em Maio de 1972. O documento previa uma grande expansão do comércio entre as duas nações através da redução de tarifas e financiamentos a longo prazo. O ponto que os soviéticos consideraram como elemento-chave do acordo — tratamento das importações russas —



Shultz pediu o apoio de Brejnev.

UNIÃO SOVIÉTICA

O reconhecimento do copyright

Durante vários anos, os soviéticos têm saqueado as casas editoras do mundo ocidental, lançando mão pura e simplesmente de tudo quanto querem. Em 1972, publicaram eles 8 milhões e 100 mil volumes de livros de autores norte-americanos, sem o consentimento dos mesmos e sem pagar-lhes os respectivos direitos autorais. Os governos ocidentais, as editoras e os autores há longo tempo vêm procurando obter do governo de Moscovo uma mudança de atitude e de métodos. Finalmente, a União Soviética anunciou que aceitava a Convenção Universal do «Copyright» que é a base de todos os convênios internacionais sobre direitos autorais. Embora o pagamento dos direitos não deva ser retroactivo, os soviéticos estão agora assumindo o compromisso de estabelecer contratos com os editores estrangeiros, exactamente como acontece com os outros 62 aderentes (inclusive os Estados Unidos) dessa convenção patrocinada pela UNESCO.

Uma vez que a União Soviética traduz um número de livros estrangeiros, principalmente científicos, muito superior ao dos livros russos traduzidos no Ocidente, o que acontece é que a União Soviética vai ser onerada em alguns milhões de dólares em moedas fortes. Tal como o acordado para pagar as velhas contas de empréstimos e arrendamentos da Segunda Grande Guerra, esse acordo é parte de um plano geral no sentido da normalização das relações entre o Ocidente e o Oriente. Além disso, a decisão sobre os direitos autorais tem também consequências políticas. Em Moscovo, na semana passada, um alto

ma base de «nação mais favorecida» — requer a aprovação do Congresso. Para desconsolo do governo, o Congresso parece determinado a fazer da lei de comércio que a Casa Branca planeja apresentar nas próximas semanas um teste de força entre o Legislativo e o Executivo.

No momento, os E. U. A., concedem o tratamento de «nação mais favorecida» — o que significa que as exportações desta nação entram no país com as mais baixas tarifas — para todos os seus parceiros comerciais não-comunistas, assim como a Polónia e a Jugoslávia. Se adoptar idêntica medida, em relação à Rússia, isso tornará as importações de Moscovo mais competitivas; a tarifa americana sobre o vodka soviético, por exemplo, cairá de cinco dólares o galão para US\$ 1,25. Esta batalha poderá causar perigosos zigzagues em toda a «détente» entre os E. U. A. e a U. R. S. S.

funcionário do Partido Comunista disse francamente que «a lei do copyright impedirá o contrabando da obra de escritores russos para sua publicação no exterior». E, como exemplo, citou o caso do escritor Alexandre Soljenitsyn, cujos três últimos romances, banidos na Rússia, se

ESTADOS UNIDOS

Quem sucederá Nixon?

Se o vice-presidente Spiro Agnew não sair candidato à Presidência dos Estados Unidos em 1976 terá sido porque os ovidos republicanos estão mais sintonizados com as melodias texanas do democrata John Bowden Connally. Qualquer destes dias, dizem os seus mais íntimos amigos, John erguerá a perna e transporá a cerca que o separa do curral republicano. A mudança formal de partido será um passo necessário a fim de que possa obter a sua indicação como candidato à convenção republicana. Connally parece ter sido encorajado a tomar tal decisão pelo próprio Presidente Nixon. Há várias semanas, o presidente tem procurado promover, de forma extra-oficial, o seu ex-secretário do Tesouro como o seu possível sucessor. Através da alquimia das ambições do próprio Connally, esse empurrão inicial tem sido interpretado como uma iniciativa que terá consequências definitivas. Uma publicação conservadora das mais respeitadas de Washington, «The Right Reporter», cita opiniões de líderes conservadores, segundo as quais Connally

tornaram «best-sellers» no mundo ocidental.

Até agora, alguns dos escritores dissidentes têm procurado evitar complicações declarando que os livros apareceram no exterior sem o seu consentimento. Eles arriscavam-se a ser presos somente se ficasse provado que seus trabalhos continham «invenções caluniosas e difamatórias do Estado Soviético». No futuro, quaisquer publicações protegidas pela lei do «copyright» não poderão ser feitas com a aprovação ou autorização do respectivo autor. Os soviéticos poderão então alegar que a publicação, no estrangeiro, do trabalho de um escritor dissidente viola o monopólio do comércio exterior, característico do regime russo.

A adesão da União Soviética à convenção sobre direitos autorais, ou «copyright», também estabelecerá controle sobre a publicação, no Ocidente, de obras aparecidas na União Soviética. Tais trabalhos, antes dessa adesão, eram de domínio público e as casas editoras do mundo ocidental tinham a liberdade de lançar mão do que bem quisessem, para fazer traduzir e editar. Diz o especialista norte-americano em direito autoral, Dr. Alan U. Schwartz: «Os soviéticos certamente estão pensando em explorar a ganância comercial dos nossos editores com a oferta de alguns negócios especiais. Devemos ter muito cuidado a fim de evitar que eles usem as leis do direito autoral para suprimir a publicação de algumas das melhores obras da literatura russa».

«pode vencer» ao mesmo tempo que exprimem reservas acerca das possibilidades do Vice-Presidente Agnew contra «um vigoroso democrata». A questão consiste em saber se Connally se colocará no páreo, em disputa da melhor posição. Suas possibilidades podem incluir a do seu quarto mandato como governador do Texas (cargo que exercia quando foi ferido, ao lado de John F. Kennedy, no atentado em que este morreu), desta vez como republicano, ou o exercício do cargo de secretário de Estado do governo de Nixon, se este encontrar outro posto em que possa colocar o actual, William Rogers. A mudança de partido poderia prejudicar Connally? Tradicionalmente, os que vivem a casaca não se dão bem na política norte-americana. O último homem a tentar isso e a candidatar-se a presidente foi John Lindsay, perfeito de Nova Iorque. Ele disputou o pleito do ano passado, não é verdade? É também verdade que não se saiu bem, mas o Big John do Texas, é bastante mais combativo, mais rico e mais cheio de recursos do que o Big John de Nova Iorque.



automóveis de aluguer
sem condutor

TELEFONES :

Largo D. Fernando, 1-2 ■ 22722/3-23312

Caixa Postal, 680 ■ LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.
ARMAZENISTAS
IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA - ANGOLA

CERIMÓNIA DE ENTREGA DE ARMAMENTO

Recepção dos agrupamentos

Trolha - Norte Raio - Leste

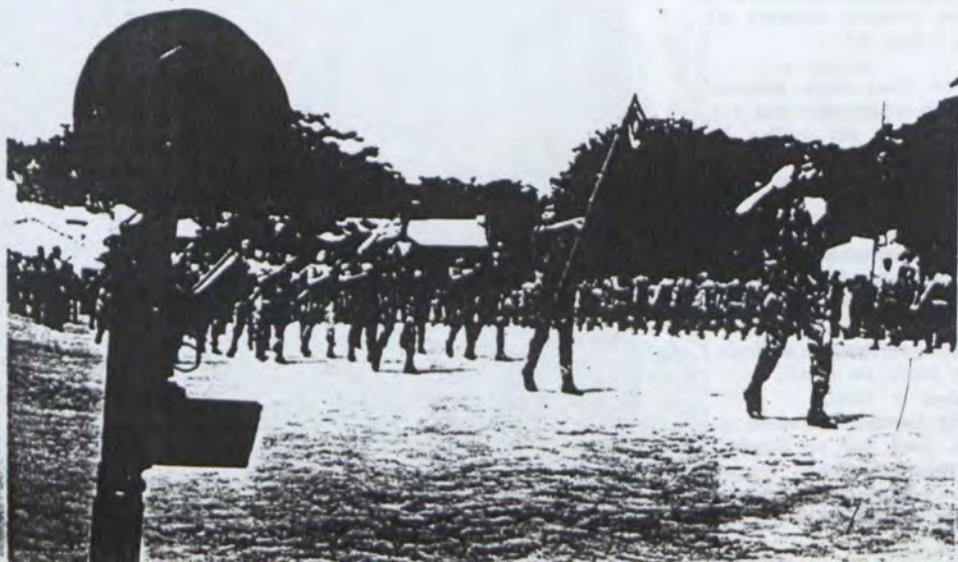
Todo o processo de combate tem entre nós um final comum: o da entrega do armamento. Mais do que uma cerimónia que tão pouco é formal, pretende-se, perante quem interessa, provar os nossos resultados, fruto de um treinamento duro e sobremaneira cuidado. Entregar armas após uma acção de combate tem, para além do mais, um significado especial para uma tropa especial como a nossa. É o clímax de um esforço, a recompensa de toda uma cansaça operacional e o reconhecimento da Nação ao valor combativo de cada grupo. Por outro lado, há uma parte absolutamente subjectiva, porquanto no ritual cerimonioso de que o acto se reveste, há todo um mundo de silêncio que, curto embora, no tempo real, é longo e decisivo para uma profunda meditação sobre os acontecimentos que permitiram estar ali entregando armas à Bandeira. Nessa retrospectiva musicada por clarins, se buscam, não raro, fortes razões para continuar e pesar motivações que caracterizam a vida de Comando que cada um escolheu. Eis porque



a entrega de armamento não é apenas uma cerimónia despida do vago e mecânico sentido da deposição de

armas no solo sossegado de um quartel, como alguns pretendem.

Uma vez mais, tal momento foi vivido no Centro. Não por simples rotina que nesta casa nada se faz sem sentido superior. Mas por tudo quanto ficou já exposto. No Norte, de zonas quentes de combate e difíceis de palmar, chegou o Agrupamento «TROLHA» que durante algum tempo teve por missão limpar a área fétida e prenhe de guerrilheiros. Com muito êxito, assinale-se. Do Leste, onde o combate é menos cínico e traiçoeiro, chegou o Agrupamento «RAIO». A este também ficou a Nação a dever um útil serviço. Um agrupamento e outro permitiram a continuação do valor grandjeado pelos COMANDOS, vai para dez anos. A entrega de armas provou-o bem!





Merda!

Não é que o praguejar fosse novidade entre o grupo, mas sim porque era a primeira palavra que se ouvia, depois de muitas hofas de marcha, por entre capim alto e tocos de árvores carbonizadas pela última queimada, onde os homens por vezes tropeçavam, vergados ao peso do equipamento, e dos já muitos dias de caminhada.

A praga, saíra rouca, por entre os dentes amarelados do «chaparro», o alentejano brutamonte, como os camaradas lhe chamavam carinhosamente, em homenagem à enorme força do «chaparro», que sozinho carregava uma «berliet» de lenha para o «cozinhas», o cabo do racho de faces vermelhuscas e tripas já torradas pelo calor do lume, onde os enormes panelões não se cansavam de dialogar quase diariamente com aquelas arrozadas malucas de ficar com os olhos em bico.

Merda! — Voltou a praguejar o «chaparro». Ai, todos os homens olharam para ele. O «chaparro», rasgava impaciente a caixa de cartão da ração de reserva, na procura de balde de uma latida de lulas.

— Quando voltar ao acampamento, vou dizer duas palavrinhas ao furriel vaguemestre. Andamos aqui há quase oito dias e a porcaria do tacho é sempre a mesma: sardinhas em molho de azeite e bisnaga de leite. Depois, esta soda das bolachas capitão, parecem mais duras que os cornos de um boi minhoto, raios partam isto.

As últimas palavras do «chaparro» foram acompanhadas com um-monumental pontapé no saco das bolachas, que foram esmagar-se de encontro ao tronco nodoso de um cajueiro, de onde saiu apressado, um enorme lagarto malhado, surpreendido no melhor das suas flexões, a lembrar aos homens os tempos difíceis da recruta, em que «as completas» eram o prato do dia.

— Troco duas de sardinhas por uma de lulas! — Voltou a falar o «chaparro». — E olhou em volta, para ver se alguém se confessava. Mesmo ao lado dele, o «arrebenta minas», transmontano de olhinhos estreitos e vivos, fazia um ruído de arripiar, quando a faca de mato lhe deixava entre os dentes, os bocados tenros das lulas, da sua ração de reserva.

O

F

Limpando o molho que lhe escorria pelos cantos da boca com as costas das mãos grossas e peludas, atirou:

— Tu queres é lulas!

O «chaparro» não gostou da brincadeira e atirou-lhe com o quico mesmo no meio dos olhos, o que fez arrancar uma risada ao pessoal.

— Vê lá se queres engolir as sardinhas com lata e tudo.

O «arrebenta minas» ia a retorquir, quando a voz calma dos alferes se fez ouvir:

— Tá'andar macacal! Vamos a enterrar as latas e apagar os vestígios do pessoal. Amanhã de manhã devemos estar em cima desses gajos e ainda temos muito que dar no pé para dormirmos o mais próximo possível.

O pessoal levantou-se molemente, mas cinco minutos depois só um perito poderia afirmar que ali estivera alguém estacionado.

O resto do caminho fez-se no maior dos silêncios. Cada homem sabia o que deveria fazer e as atenções ao rumorejar da mata foram redobradas, não fosse o diabo tecê-las.

A operação conjunta, fazia parte de uma série de golpes de mão a acampamentos inimigos, situados no emaranhado da floresta, em três ou quatro locais diferentes, não se sabia ao certo. As informações fornecidas por um grupo de elementos da população que se apresentara, dava como certo o primeiro dos objetivos do grupo de que faziam parte o «chaparro» e o «arrebenta minas».



PUTO

Naquela noite, o pessoal quase não comeu. Nada de barulhos, nada de cigarros, ou quaisquer movimentos desnecessários. Enrolados na manta e com a «canhota» à mão de semear, os homens deixaram-se embalar na sinfonia dos habitantes nocturnos da selva, enquanto as guardas tomavam posições.

Ainda o dia não tinha despontado, já todos estavam prontos, sentados no chão húmido por mais uma cacimbada valente, aguardando as ordens do alferes, para prosseguirem.

No meio do círculo formado pelo pessoal, o alferes e os furrieis, consultaram pela última vez a carta da região, onde um ponto negro entre dois rios, indicava a possível localização do objectivo.

Os primeiros alvares do dia deixaram perceber, no rosto dos homens, uma sombra estranha. Mais fechados em si que nunca, apenas o brilho excessivo dos olhos deixava perceber a aproximação de mais uma acção de combate.

Uma hora depois, a mata reflectiu para os ouvidos atentos dos homens, o som distante de palavras trocadas com despreocupação. Primeiro imperceptíveis, depois mais distintas. Tinham chegado ao objectivo. As informações eram verdadeiras e agora só faltava um pouco de sorte, para tudo correr pelo melhor.

Deitados no terreno a uma centena de metros do tufo de mata de onde vinham as vozes, o alferes e os furrieis observavam, procurando os locais mais propícios para o assalto.

Nisto, um remexer intempestivo na folhagem de um imbondeiro, deixou ver entre os ramos altos, um sentinela dos turras.



Todos o viram, a cerca de cinquenta metros do acampamento. O alferes segredou para um dos furrieis:

— Aquele gajo vai-nos estragar a festa, é preciso ir lá buscá-lo.

Como se esta frase fizesse parte de um programa estabelecido, o furriel deslizou rastejando pelo morro abaixo e regressou pouco depois com o «chaparro» a seu lado.

— Olha ali — disse-lhe. Vês o gajo? O «chaparro» fez que sim com a cabeça grandona, ao mesmo tempo que estreitava os olhos para ver melhor.

— Queres lá ir buscá-lo, ou vou lá eu?

— Eu vou. Meto-lhe o caro da G3 no cu, que ele vai ver.

Às arrecuas, o «chaparro» desapareceu atrás de uma árvore e todo o pessoal ficou alerta, pronto para a ordem de assalto.

Colando o peito peludo ao mato molhado pelo cacimbo, o «chaparro» rastejava devagar por entre os troncos negros das árvores, aproveitando cada dobra do terreno, parando a cada folha seca que estalava sob o peso do seu corpo.

Entre ele e a sentinela inimiga, apenas um riacho manso, onde um bando de mosquitos evolucionava num zumbido surdo.

— Tás no papo velhinho! — pensou o «chaparro» enquanto e também de rastos, entrava na água fria, que teve o condão de lhe revigorar as forças em tensão suprema.

Já mais de metade do riacho estava conquistada, quando os olhos do «chaparro» se arregalaram de espanto. Mesmo na sua frente, olhando-o com os olhos redondos muito abertos, um miúdo dos seus oito, nove anos, segurava agachado, uma vara torta, de onde pendia a linha de pesca.

Deram de caras um com o outro e passado o primeiro momento de surpresa, o miúdo voltou-se com um salto e abriu a correr e a gritar:

— Tropa, tropa, tropa!

E foi o fim, imediatamente a sentinela descobriu o «chaparro», que com uma rajada certa o apeou do poleiro improvisado onde se encontrava. De imediato o «chaparro» largou a correr atrás do miúdo.

— Anda cá sacana, anda cá sacana!

E estalou o tiroteio. Os homens, sem esperarem por mais, lançaram-se ao assalto, procurando neutralizar os poucos atiradores que esporadicamente ofereceram resistência.

Dois ou três minutos de fogo, foi tudo o que se conseguiu. Alertados pelo miúdo, os turras escaparam na mata densa, abandonando no local, importante quantidade de armas e munições, documentos e outros utensílios.

No meio da clareira, um caldeirão negro pelo fumo, borbulhava uma funjada que cheirava bastante mal.

Enquanto um grupo se encarregava das buscas dentro do acampamento, outro montava a guarla, não fossem os turras voltar.

Um ruído descuidado vindo da mata, fez toda a gente atirar-se ao chão, de dedo no gatilho. Os momentos de expectativa, foram desfeitos pelo surgimento do «chaparro», que trazia à ilharga um negrito de oito ou nove anos, precisamente o principal culpado pelo meio fracasso da operação.

Parando no meio da clareira, descarregou a sua leve carga, e virando-se para o alferes, disse:

— Tá aqui o gajo, meu alferes. Sacana do putu estragou-nos a caçada.

Depois, voltando-se para os camaradas, acrescentou:

— Dou uma carga de porrada ao primeiro que tentar tocar-lhe com um dedo.

Nesse mesmo dia, pela tardinha, as «moscas» vieram buscar o pessoal e o armamento apreendido. Já no quartel, a cerveja escorregou como manteiga ao lume, pelas gargantas secas dos homens.

Na caserna do terceiro grupo, o «puto», já vestido e calçado, experimentava pela primeira vez as delícias de uma Cuca geladina.

Rindo a bandeiras despregadas, o «chaparro» batia alarvemente nas costas do «arrebenta minas».

— Sacana do putu gosta de cerveja, já viste?!

Ai o gajo há?!



BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

o banco da passada larga.

Somos efectivamente
um Banco de passada larga.
De passada firme.



BCA

trabalhamos no presente á escala do futuro

IMAGENS DO MUNDO

Com texto e fotos da "MANCHETE"



«O facto de ser mulher nunca me atrapalhou nunca me trouxe qualquer dificuldade e nem me criou um complexo de inferioridade. Os homens sempre foram bons comigo». Confidenciou Golda Meir, primeiro-ministro de Israel, de 74 anos.



Hanoi contra Haiphong: a batalha foi num campo único, sem ameaça de minas, canhões, tanques, rifles ou revólveres, B-52, F-111, mísseis ou anti-mísseis, lança-chamas ou lança-insectos, «buldozers», jipes, caminhões, espionagem ou contra-espionagem, mortos e feridos. Agora, tudo foi realizado na santa paz da sadia competição, com o povo sentado bonitinho, com direito à tranquilidade de um domingo à tarde. Como em qualquer disputa houve um vencedor, Hanoi, desta vez, perdeu.



O «V» da vitória que Pelé fez ao chegar ao aeroporto de Londres transformou-se em gesto mais amargo quando embarcou de volta. O «rei» e sua esposa, Rosemary, ficaram detidos mais de uma hora na alfândega, por ocasião do regresso da delegação do Santos. Motivo: os fiscais ingleses ficaram desconfiados diante da enorme quantidade de dólares que encontraram na mala de Pelé. Aborrecido, Pelé lamentou com jornalistas ingleses a mancada dos fiscais londrinos.



O chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, é alucinado por «gadgets». A fim de reduzir o fumo, ele carrega uma cigareira suíça, com um fecho automático que só se abre de hora em hora para que possa fumar um cigarro americano. Para caçar, ele usa espingardas feitas à mão na Inglaterra. Quando quer guiar, pode escolher entre a limusine «Cadillac» que Nixon lhe deu, o «Citroen-Maserati» que lhe foi oferecido pelo governo francês e um «Rolls-Royce 1972», assim como entre vários carros russos. E agora Brejnev acaba de adquirir o supremo «gadget» — um sistema de videofone em seu escritório que o liga aos principais secretários do Partido e ministros de Estado.

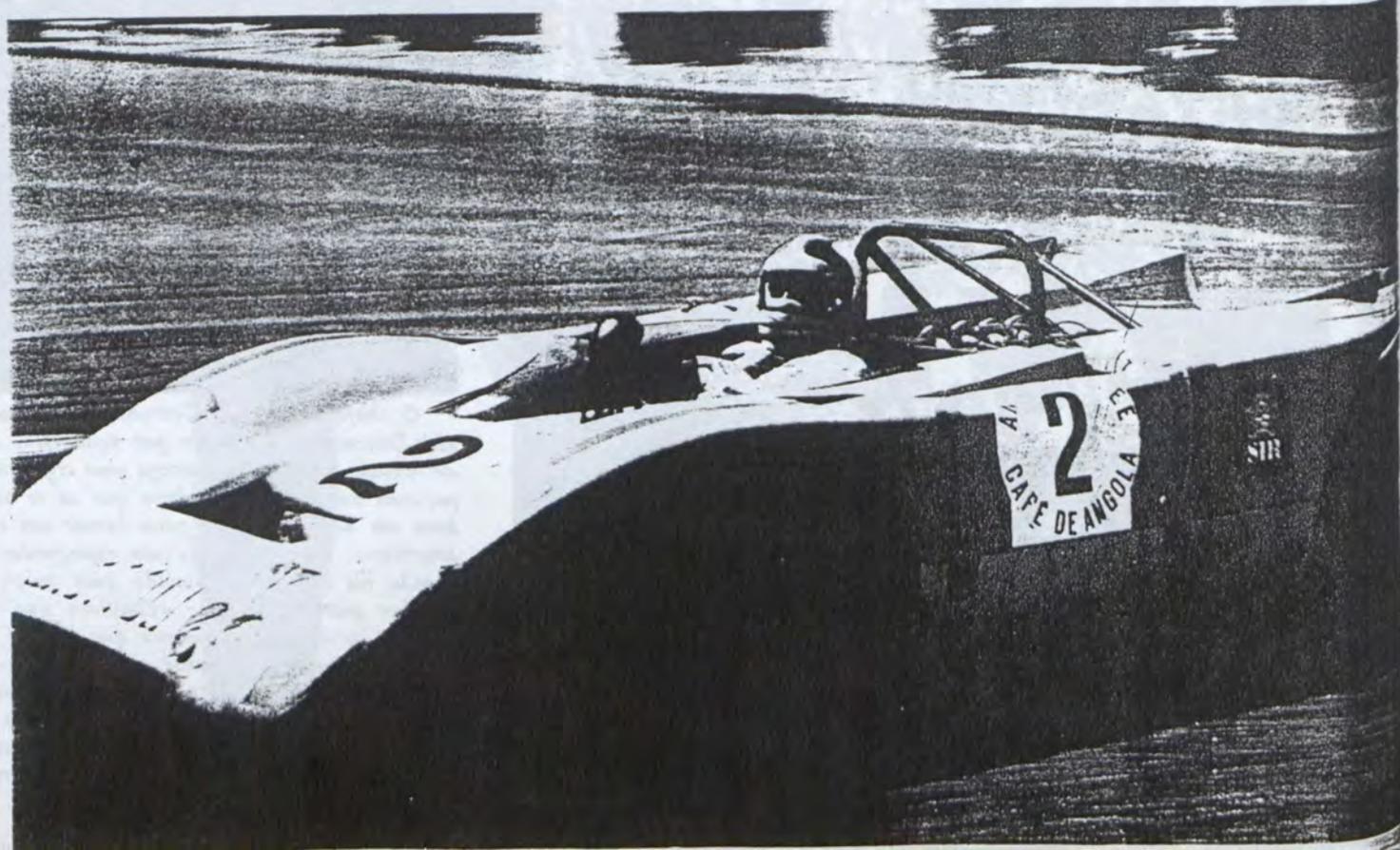
TEMPORAL ANGOLANO

BRILHO
PARA
AS
EQUIPAS
ANGOLANAS

Fotos "EQUIPA"

6 HORAS DE NOVA LISBOA classificação

CLASSIF.	CONCORRENTE	N.º	MARCA	CLASSE	VOLTAS	PERCURSO	TEMPO	MEDIA
1.º	Andrew Fletcher/William Tuckett	14	Chevron B 21	5	202	655,665	6.00.12,34	109,215
2.º	Ian Harrower/James Bell	16	Chevron B 21	5	198	642,682	6.01.26,06	106,688
3.º	Mabilio Albuquerque/Jorge Pêgo	2	Lola T 212	5	196	636,190	6.00.33,74	105,856
4.º	Emílio Marta/Cardoso Albernaz	9	Ford GT-40	6	190	616,715	6.01.25,50	102,380
5.º	Hélder de Sousa/Henrique Cardão	10	Opel Mantra	2	175	568,027	6.00.50,11	94,452
6.º	José Uriarte/Roy Johnson	15	Chevron B 21	5	173	561,535	6.01.28,20	93,299
7.º	F. Lamas/Bandeira Vieira	4	Opel 1904 SR	2	172	558,289	6.00.31,53	92,912
8.º	Tino Pereira/L. F. Santos	26	Capri 3000	3	167	542,060	6.00.08,74	90,306
9.º	Gil Morgado/Amadeu Inácio	6	NSU TT-1300 Prot.	5	161	522,585	6.00.50,62	86,893
10.º	Campas/Zé Tô	28	Datsun 1600 SSS	2	157	509,601	6.00.26,40	84,829
11.º	Zeca Gomes/Wimar	25	Capri 2600 RS	3	157	509,601	6.01.12,02	84,651
12.º	Eugénio Correia/Emídio Poiares	7	BLMC 1275	1	155	503,109	6.02.05,35	83,367
13.º	Zeca Reis/José Viegas	11	BMW 2002 Ti	3	151	490,126	6.00.19,60	81,613
14.º	Raul Esperto/A. J. Oliveira	21	BMW 2002 Ti-Sch.	3	144	467,405	6.00.29,36	77,795
	Volta mais rápida	20	Lola T 292		84.º	3.245,87	1.38,85	118,210

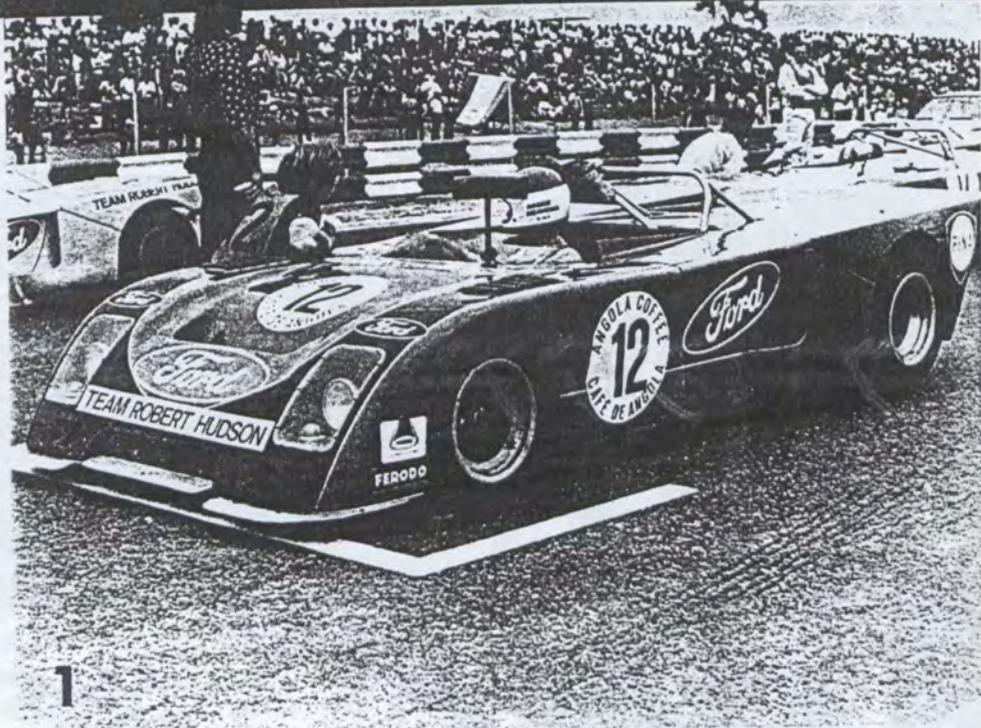


DA A

No sentido de se proporcionar aos espectadores de Angola corridas verdadeiramente internacionais deslocaram-se à Europa António Peixinho e André Verwey. Dos contactos conseguidos nada de muito especial se conseguiu trazer até nós. O comercial salientou-se demasiado em prejuízo do desportivo. Todos nós sabemos que o automobilismo é um desporto profissional, o que não quer dizer que, mesmo realizando-se como espectáculo, atente só aos aspectos da comercialização. Se é verdade que se tenha que obter lucros para que os espectáculos se repitam, não pode deixar de haver um equilíbrio no sentido de servir bem o público.

E era o que não ia acontecendo não fosse a presença de um menino Fallo, do seu excepcional duplo Schon — a fazer a volta mais rápida em Nova Lisboa —, dum Heavens conhecedor do ambiente e possuidor do melhor carro, da briosa equipa angolana Mabilio de Albuquerque-Jorge Pêgo, de Waldemar Teixeira-Larama (impecáveis em Nova Lisboa, com Waldemar — atenção — a andar como os mais rápidos), e de Nícha Cabral a conduzir o recente Lola-BMW.

No final valeu a prata da casa para dar concorrentes às diferentes chegadas. Se não vejamos: Em Luanda, nas três horas que foram duas, os angolanos Marta, Mabilio, etc., aparecem logo a partir do 5.º



1 — Aqui ainda tudo ia certinho para Roger Heavens que conseguiu a sua terceira vitória em terras de Angola.

2 — Fletcher Tuckett, jorum os vencedores folgados das 6 horas.

3 — Ray Fallo apesar de todos os problemas mecânicos que o perseguiram, conseguiu impôr-se perante todos os outros pilotos estrangeiros.

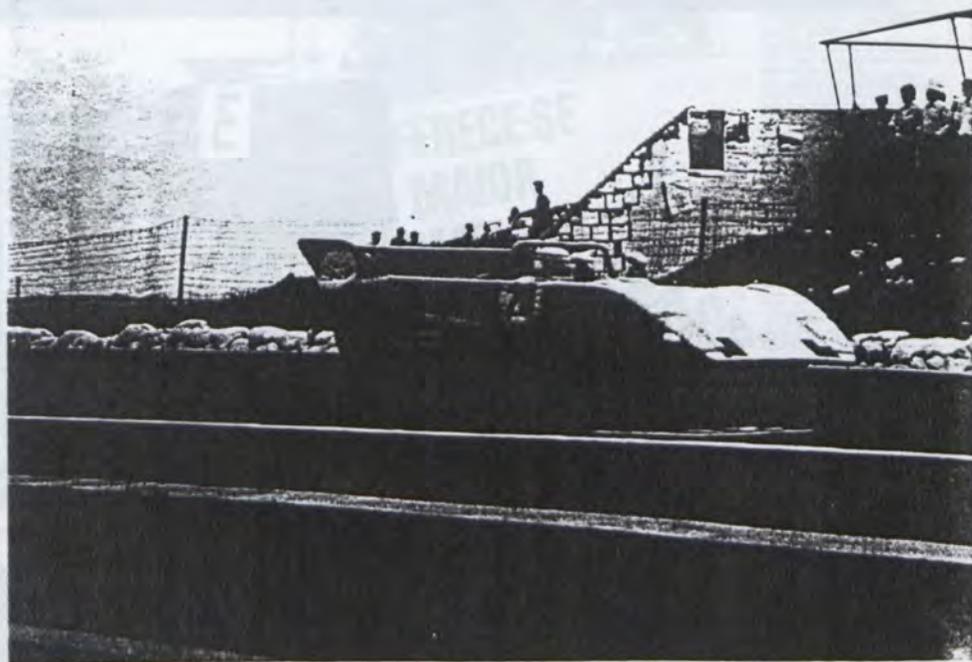


2 HORAS INTERNACIONAIS DE LUANDA

CLASSIFICAÇÃO GERAL

DAS 2 HORAS INTERNACIONAIS DE LUANDA

1.º Roger Heavens - Chevron B21/3 - 2h 00m 10s média de 150,717 km/hora; 2.º José Uriarte - Chevron B21/3; 3.º John Rowe - Chevron B19; 4.º Ian Harrower - Chevron B21; 5.º Emilio Marta - Ford GT 40; 6.º Mabilio de Albuquerque/Jorge Pêgo - Lola T212; 7.º Tony Birchenough - Lola T290; 8.º Castro e Silva - BMW Schnitzer; 9.º Portela Ribeiro - Fiat Dino; 10.º Wimar/Zeca Gomes Capri RS; 11.º Ray Fallo - Lola T292.



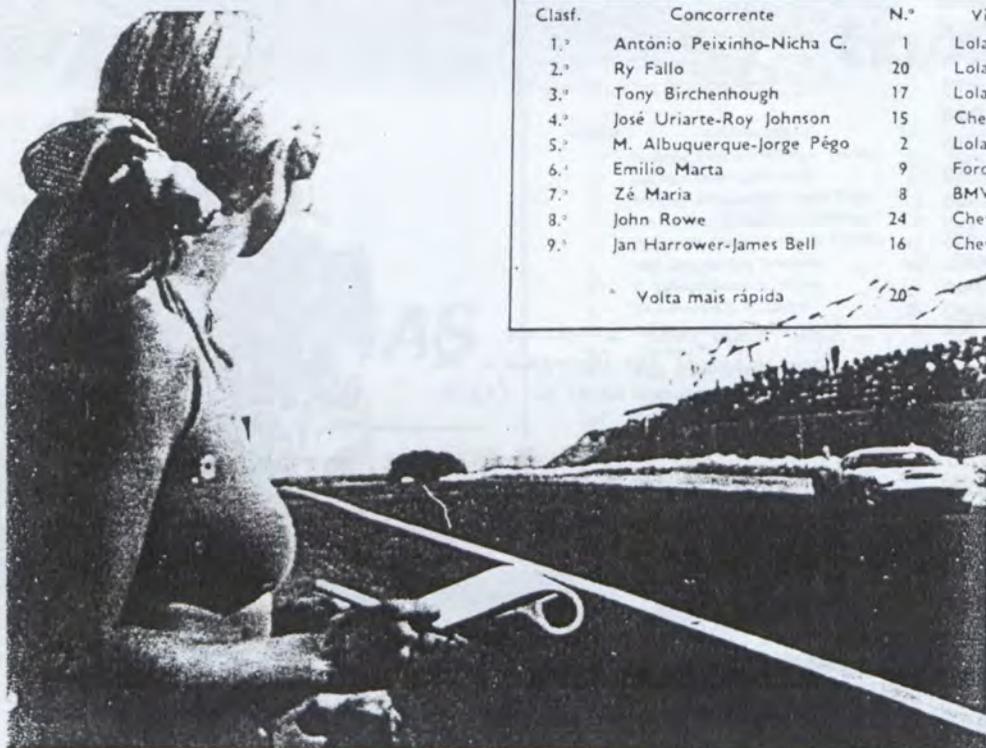


lugar (e ainda se ia na primeira). Em Nova Lisboa aparecem macedo, Mabião e Pêgo foram logo terceiros só faltando quererem ser segundos, depois e até aos catorze que se classificaram só aconteceu um isolado sexto classificado que não falava português.

Em Benguela (a melhor de todas, então, foi um descalabro. O cognome «a melhor de todas» veio-lhe da luta constante para o primeiro lugar com uma equipa nacional interessada, porque de resto os «Chevrans» tiveram todos mala-pata (começar

500 KMS. DE BENGUELA

Clasf.	Concorrente	N.º	Viatura	Volts	Percurso	Tempo	Média
1.º	António Peixinho-Nicha C.	1	Lola T 292	127	502,920	4.09.51,74	158,931
2.º	Ry Fallo	20	Lola T 292	127	502,920	3.11.09,08	151,860
3.º	Tony Birchenhough	17	Lola T 290	121	479,160	3.10.27,31	150,952
4.º	José Uriarte-Roy Johnson	15	Chevron B 23	116	459,360	3.10.52,35	144,397
5.º	M. Albuquerque-Jorge Pêgo	2	Lola T 212	115	455,400	3.10.58,70	143,073
6.º	Emilio Marta	9	Ford GT 40	109	431,640	3.10.56,92	135,830
7.º	Zé Maria	8	BMW 2002 Sch.	104	411,840	3.10.00,05	130,054
8.º	John Rowe	24	Chevron	101	399,960	2.43.05,94	147,137
9.º	Jan Harrower-James Bell	16	Chevron B 21	97	384,120	2.49.44,21	135,871
	Volta mais rápida	20		122.º	3,960	1.24,75	168,212



do pelo de Heavens a insistir em perder rodas... e atirando para trás do «BMW» (7.º) de Zé Maria com os restantes menos o de Uriarte — este piloto estava atento a mais uma distração de Mabião de Albuquerque e iria buscar o Troféu para o melhor da temporada. O terceiro classifica-

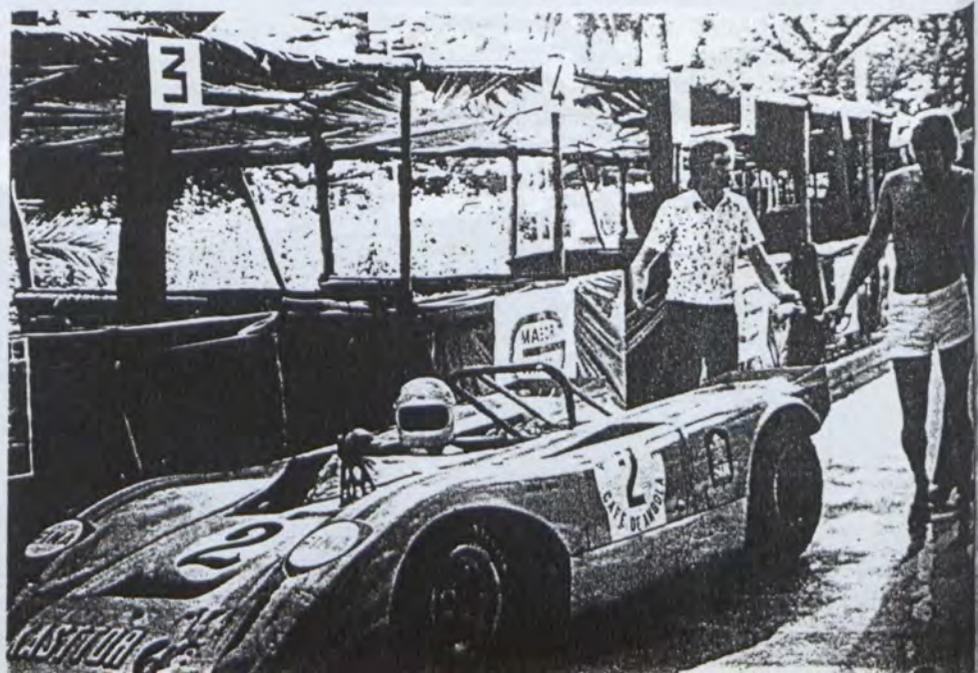
TEMPORAL

do já perdia seis voltas para os dois primeiros. E o tal Uriarte (primeira corrida a fazer em carros de Desport

1 — O Chevron de Roger Heavens também em Benguela teimou fazer birra, e deixar uma roda pelo caminho.

2 — A presença feminina no trabalho das boxes é uma constante das corridas de automóveis.

3 — Jorge Pêgo, tem adaptação rápida ao Lola-Kastor, impressionando muito favoravelmente, principalmente em Nova Lisboa.





Em Benguela a vitória foi finalmente para o LOLA-B. M. W. T 202 magnificamente

ANGOLANA

to) que só ganhou uma volta ao «Lolla» de Mabilio (o menos potente dos «Lollas») ficaria a onze voltas do ganhador!

Mas lá porque não foram rosas o que tivemos para apreciar, vindo de fora, não quer d'zer que não tenha valido a pena fazer a Temporada. Muitas coisas se ganharam. Os nossos pilotos houveram-se muito bem apesar de pior (a'inda) apetrechados. O melhor carro foi comprado por Waldemar Teixeira (o «Chevron B 23» — carroçaria deste ano). Mabilio de Albuquerque passou a acreditar mais nas suas actuais possibilidades e vai atrair-se para um carro melhor — não digo qual, pois o Doutor talvez não gostasse da divulgação antecipada... Por outro lado ficou a saber-se que o público de Angola é conhecedor da matéria, insistindo em querer ver boas provas de automóveis.

E, sem ser preciso aprofundar muito, as tardes até foram divertidas.

VENDEM-SE BUNGALOWS

compre e pague em 4 anos



E 'OFERECE-SE O MAIOR COMPLEXO TURÍSTICO PORTUGUÊS!



O complexo turístico de Automóveis Intercontinentais encontra-se em Benguela, entre as zonas de lazer, com o nome de:

— CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL — CENTRO DESPORTIVO

CENTRO COMERCIAL
Alimenta e veste a cidade e encontra-se ao lado, com o nome de: — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL — CENTRO DESPORTIVO

CENTRO RESIDENCIAL
Compre e pague em 4 anos. O complexo turístico de Automóveis Intercontinentais encontra-se em Benguela, entre as zonas de lazer, com o nome de: — CENTRO COMERCIAL — CENTRO RESIDENCIAL — CENTRO DESPORTIVO

CONTACTE
22119

AUTODEL
de Benguela, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. Franca, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 a 63

Caixa Postal, 369
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE

Estrada da Conduta (junto aos restau-
rantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO")

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

ANGOLA - ALGUNS ASPECTOS ETNOSSOCIOLÓGICOS DAS SUAS POPULAÇÕES

Cap. Ovídio Rodrigues

O GRUPO LUNDA - QUIOCO

(II)

No último trabalho apresentado, dissemos que o grupo Lunda - Quioco, representava um dos grupos étnicos mais importantes de Angola e que o indivíduo adquiria nestas sociedades uma importância especial. Assim, tornar-se-à interessante estudarmos o papel desempenhado pelos seus componentes mais representativos, e a sua influência na vida social deste povo.

O HOMEM

A mais digna missão do homem, é a de constituir família. O seu prestígio e a sua elevação social depende, dum modo geral, do número de elementos que constitui o seu aglomerado familiar. Este facto influi bastante para a prática da poligamia entre os Lunda-Quiocos. Para adquirirem a sua condição de homem e importância como chefes de família, sujeitam-se aos rigores iniciatórios dos ritos de passagem, cuja finalidade principal é a de lhes garantir o máximo de aptidões para a reprodução da espécie. Compete ao homem a defesa da família, estando ao seu cargo a construção das habitações e abrigos.

O manejo das armas, quer para a caça quer para a guerra, é exclusivamente um encargo próprio do homem.

Na mitologia do Nordeste o homem por definição é caçador. A caça é a actividade a que o homem se dedica em maior escala. O caçador disfruta de uma posição social de grande relevo, situando-se no escalão imediatamente a seguir às autoridades tradicionais. Num aldeia distingue-se facilmente a casa do caçador, visto ter à frente desta a árvore que ostenta os troféus e os feitiços protectores da caça. Esta árvore é habitualmente seca e muito ramificada.

O caçador é também o soldado da tribo. Daí, o homem morto na caça recebe honras fúnebres equivalentes às daquele que morre na guerra.

O homem destas sociedades é de carácter pacífico. Não tiveram estes povos qualquer organização de carácter militar. Guerreavam como caçadores. Daí, os seus métodos fundamentais de estratégia serem a perseguição sorrateira e a rapidez de deslocação.

Na distribuição dos trabalhos cabem ao homem os mais pesados. É também artífice comerciante e artista.

O homem chefe de família é ainda o oficiante das práticas religiosas.

Só ao homem compete o exercício do bailarino ou de simples personagem mascarado.

Ser livre e circuncidado são condições basilares da sua dignidade social, sendo o não-circuncidado considerado da lei costumeira.



A MULHER

À mulher compete acima de tudo, ser mãe. É a sua mais nobre missão e condição indispensável à sua dignidade. Mulher sem filhos, não só é repudiada pelo marido como é considerada à margem da sociedade. Pelo contrário a mulher-mãe goza de uma consideração especial. Seguidamente, é missão tradicional da mulher o trabalho agrícola, cabendo-lhe a preparação das lavras e a obtenção de géneros alimentares de origem vegetal.

Os filhos e a terra são, realmente, os polos em torno dos quais gira a vida da mulher, os dois mais sólidos apoios do seu prestígio familiar e social nestas comunidades.

Também as mulheres se sujeitam às cerimónias propiciatórias à natalidade, e apelam com frequência para os mais diversos recursos, religiosos e mágicos, que lhe garantem a concepção.

Os filhos pertencem à mulher e acompanham-na no caso de separação do marido.

Pelo seu trabalho na casa e nas lavras, pela maternidade, pelo prestígio que confere ao marido pela descendência gerada e pela missão que lhe compete de prover as necessidades dos filhos e do marido, a mulher assume um papel relevante nestas sociedades.

Ela é assim o motivo artístico constante da arte dos escultores. O mais aplaudido bailarino, o «MUANA PUO», representa coreograficamente as formas os modos e a graça das mulheres, embora sejam os homens os seus intérpretes.

Também a mulher é temida, principalmente no período da menstruação, em que é rodeada de crenças

e superstições relacionadas com esta condição própria do seu sexo. É crença que a mulher, neste período, pode provocar o insucesso na caça e a derrota na guerra, se acasar se cruzar no caminho com um grupo de caçadores ou pelotão de guerreiros.

O JOVEM

A posição social do jovem apresenta-se muito diferenciada, consoante o sexo. Os indivíduos femininos, são considerados como «mulheres desde que nascem».

Em contrapartida, os masculinos, só são considerados «homens» depois do rito de passagem à circuncisão. Antes deste estado o jovem é considerado como um pré-homem, em vários sentidos incluindo o moral, e o espiritual. É como se encontrasse num estado impuro. Ser homem, na concepção destes povos, não é simplesmente uma condição natural. É um direito que

se adquire somente após, obedecer a um determinado regulamento e rito.

A idade nubil começa muito cedo, registando muitos casamentos de moças no período da adolescência, época essa em que os elementos masculinos ainda se encontram a adquirir em escolas de passagem, a sua condição de homem.

A vida do jovem decorre bastante ao sabor da natureza. A educação dos rapazes pertence ao pai e das raparigas à mãe. A sua utilidade é quase nula até à adolescência. São no entanto, um valor social e moral de primeira ordem, não só como factor potencial de crescimento demográfico da família e da tribo, como ainda pela expressão de riqueza que apresentam, na qualidade de futuros elementos de desenvolvimento económico.

A maioria das famílias têm preferência nos indivíduos do sexo masculino, embora aceitem a do

elemento do sexo feminino. É costume de se encontrarem na casa das mulheres grávidas, miniaturas de uma flecha de caça e de uma enxada, numa solução de equilíbrio para não ofender o filho em gestação que quer significar que se é bem-vindo o que vier.

Num próximo trabalho veremos o papel que representam nestas comunidades, outras das figuras sociais, tais como o soba, o curandeiro, o feiticeiro, etc., e a sua influência no seio destas tribos.

NOTA FINAL

Para a realização do presente trabalho foram consultados e por vezes extraídos partes dos textos das seguintes obras:

JOSÉ REDINHA — ETNOLOGIA E SOCIOLOGIA DO NORDESTE DE ANGOLA.

LUIS AUGUSTO DE SOUSA — SOBRE A MULHER LUNDU. — QUIOCO (ANGOLA).

CAP. OVÍDIO RODRIGUES

com nova fórmula



VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÓLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super

Com o preço a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manómetro... Perfeitos! Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão. A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados. Tão a biqueira a 5.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe-se ao desgaste a sua excepcional resistência. MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzida para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção. MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis. Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.



Mobiloil
super
com nova fórmula

o seu carro precisa



O IMPORTANTE É SER DIFERENTE...

O COMANDO **é diferente**

Tostão está novamente na marca do pênalti. O olho esquerdo, operado em regime de emergência há três anos, coloca-o, outra vez, diante de uma jogada decisiva: ficará ou não totalmente curado da retina? Voltará ou não a jogar futebol? Estas perguntas, hoje, ninguém pode responder com a certeza de não errar. Tal é o drama de Tostão, o mais promissor herdeiro de Pelé, na história do futebol mundial.

A cidade é a mesma, Houston, Estados Unidos. O médico também é o mesmo, Dr. Abdala Moura, um mineiro craque em oftalmologia, muito conceituado entre os seus colegas norte-americanos. O hospital continua igual, gigantesco, antisséptico, pintado em verde e branco, silencioso. Só Tostão mudou. Anda mais triste, mais calado do que nunca, um pouco nervoso e — embora procure esconder isso a todo instante — temeroso com o seu futuro. Quando falei com ele, disse:

— Os médicos dizem que estou quase bom. Vamos ver. Cheguei há três semanas para fazer uma cirurgia aparentemente simples, pois externamente tudo parecia normal. Agora, porém, as coisas estão demorando um pouco. Mas o Dr. Abdala afirma que essa precaução é necessária, a fim de que constate a cura definitiva.

Tostão contou que a irritação na vista operada apareceu pouco antes do seu casamento, em dezembro.

— Aproveitei minha viagem de lua-de-mel ao Havai e resolvi dar um pulinho aqui, para consultar o Dr. Abdala. Ele — como o Dr. Geraldo Queiroga, que é o meu oftalmologista no Brasil — achou que não era nada grave. Mas queria fazer um exame mais profundo e, então, combinamos que eu voltaria em março. Este novo exame, feito a tempo e a hora, pode ser a salvação da vista de Tostão. Nele, em vez de uma simples irritação, a equipe do Hospital de Houston constatou uma dupla

infecção. Há três anos esses mesmos médicos haviam operado Tostão, procurando corrigir parte da retina descolada. Para isso, tiveram que fazer enxertos microscópicos com camadas de **silicon**, pois era necessário proteger o olho para quando Tostão voltasse a jogar futebol, onde geralmente estaria sujeito a situações violentas. Foi ao redor desses enxertos que apareceram as infecções e, agora, eles tiveram que ser retirados. Para os médicos, a operação era indispensável e teria que ser realizada, mais cedo ou mais tarde. Aparentemente a retina está boa, mas os médicos mantêm Tostão em observação para ver se ela permanece no lugar sem os calços artificiais. Quanto às infecções, os exames de laboratório acusaram dois tipos de bactérias, imediatamente combatidas com os medicamentos necessários.

— Agora — comenta Tostão — tudo parece bem. Mas é preciso esperar um pouco mais.

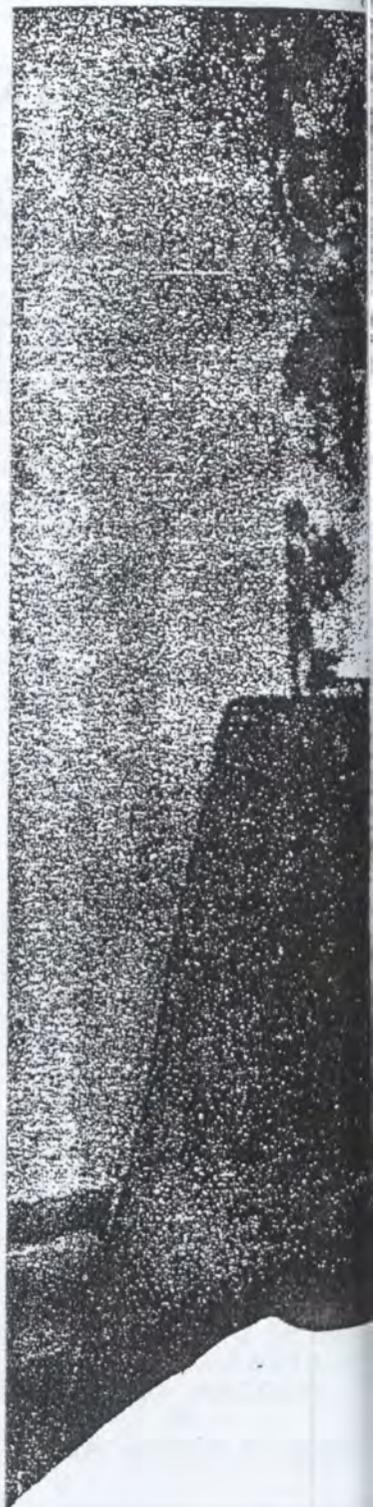
PERGUNTO-LHE quando terá alta para voltar a calçar as chuteiras e ele não sabe me dizer exatamente: — Sei lá... O Dr. Abdala diz que estou bom para viver uma vida normal mas... quanto ao futebol, nada pode afirmar... Talvez eu precise passar ainda uns dois ou

três meses fora do campo... não sei...

E ele fica mais triste do que nunca, quando se coloca diante dessa incerteza. Ao seu lado, Vânia, a esposa, dá-lhe toda a assistência moral e afetiva possível. Procura distraí-lo, animou-o a cultivar um imenso bigode que, por ser a sua barba muito rala, é um pouco falhado. Vânia tem um espírito forte, muita personalidade e nota-se que, ao seu lado, Tostão se sente mais tranquilo. Na semana passada os dois se mudaram para a casa do Dr. Abdala, que mantém Tostão sob constante vigilância. Ele deverá dar a palavra final. Se concluir que a vista esquerda de Tostão será sempre vulnerável, o jogador terá que parar com o futebol, ou continuar, arriscando-se a um dia ficar cego.

TOSTÃO é, hoje, um homem rico e, ao contrário de muitos outros craques, já preparado para a **vida civil**. Valerá a pena, então — caso não ganhe um OK integral do médico — colocar uma vista em perigo por mais dois ou três anos de bola? Os poucos milhões que ganhará valem o risco? E a seleção? E o Vasco? A ansiedade que eu tive, quando falei com Tostão, em Houston, não deve ser muito diferente daquela que todos os torcedores brasileiros — e principalmente os do Vasco

TOSTÃO NA MARCA DO PÊNALTI





da Gama — sentem atualmente. Eu queria saber se ele ficaria ou não bom. Ainda não sei. Os torcedores procuram a mesma resposta. Quando conversamos, ele demonstrou a certeza de quem voltará a jogar, mas falou também com a prudência de quem estaria disposto a seguir à risca todos os conselhos e considerações do médico.

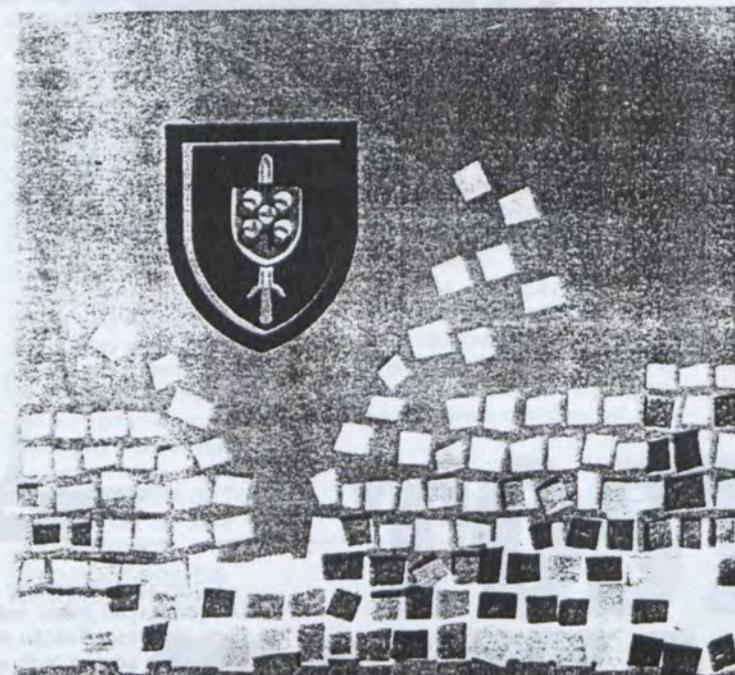
Colocado em estado de observação pelos médicos de Houston, Tostão tem sempre ao seu lado a jovem esposa, Vânia, que lhe dá toda a assistência

AGÊNCIA DE VIAGENS

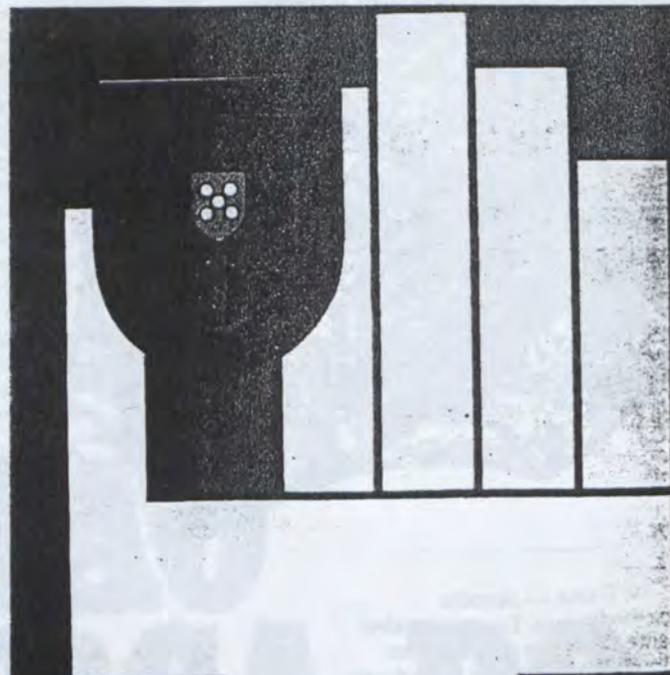
CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



nos comandos
so hã seleccionados



é exemplo

NO CAMPO DA HONRA
E EM DEFESA DA PÁTRIA
CAÍU...



SOLDADO «COMANDO»
ADELINO
2042 C. CMDS.



MORREU

POR ANGOLA, PELOS COMANDOS!

GUERREIRO

Descontraído, fumo um cigarro
que expelle fumaças de calmaria.
Olho-me num camuflado limpo
que desconhece a guerra
E procuro no infinito, quase sonhando,
O porquê da tua constante alegria:
— Vejo, então, camarada,
Que ignoras o Sol cujos raios
te transformam em humildade,
Esqueces a Lua, pálida,
em cada noite de cacimbo,
Desdenhas a imensa mata
com ou sem morros perigosos,
Te desprendes do capim infindo
e desnaturado,
Não choras o sangue, quente,
que teu irmão brota
Nem te envergonhas das lágrimas
que teu coração chora...
...Velo-te, camarada
Esfusiente de alegria no abraço à Pátria!

CARLOS NEVES
2.º Sarg.º Mil.º